

4. Descrição e Análise dos Resultados

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa. Ele se baseia na observação participante não estruturada do Grupo de Ciclismo Walter Tuche, realizada entre Outubro de 2008 e Julho de 2010 em encontros da comunidade, e na análise das entrevistas em profundidades realizadas com seus membros. Para facilitar a compreensão e organização de idéias, o capítulo foi dividido em sete tópicos:

- o O primeiro tópico descreve o Grupo Walter Tuche, sua história e suas características. Ele se baseia principalmente na observação participante, enriquecida pelos dados obtidos na entrevista com o responsável pela comunidade.
- o O segundo tópico trata das características do grupo: perfil, estilo de vida, sociabilidade dentro e fora do grupo, identificação, heterogeneidade e subgrupos.
- o O terceiro tópico descreve a relação dos entrevistados com o ciclismo: o que os levou a pedalar, quando e como iniciaram no grupo, suas lembranças mais marcantes, o significado do ciclismo em suas vidas, além das visões sobre o grupo, o ciclista e a evolução do esporte.
- o O quarto tópico analisa o ritual por trás do ato de pedalar para os integrantes e as normas do grupo. Como funciona a preparação antes dos encontros, onde ocorrem e como funcionam, além das emoções, motivações e preocupações com relação a isso.
- o O quinto tópico aborda a visão dos informantes acerca do consumismo entorno do ciclismo, suas motivações, conseqüências, críticas e as características de consumo específicas do grupo.

- o O sexto tópico identifica produtos e serviços que apresentam valor de ligação entre os ciclistas: o valor material e simbólico que a bicicleta tem para os membros da comunidade; locais de prática e compra; a importância do líder do grupo; hábitos; regras; rituais; assim como símbolos de inclusão ou exclusão de indivíduos do grupo.
- o O último tópico apresenta uma síntese da análise de resultados, ao confrontar os dados obtidos nas entrevistas, com as características apresentadas na revisão da literatura.

4.1. O Grupo de Ciclismo Walter Tuche: notas de uma observação participante não estruturada

o Início, inserção na história do grupo, primeiros treinos e integração

Em 2008, ano de início da observação, o grupo de ciclismo Walter Tuche, localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, já contava com 80 integrantes, separados entre o grupo da zona sul e da Barra da Tijuca. Na linha do tempo, o período se insere cinco anos após a criação da comunidade, iniciada em 2003 com apenas 3 participantes na zona sul. Ao fim da observação, em Julho de 2010, já eram 130 ciclistas no grupo, compondo o maior grupo de ciclismo da cidade.

A motivação para a criação e início do grupo é melhor representada pelo seguinte trecho:

“...em 2002/3/4 (...) existiam alguns grupos de ciclismo, em que eu participava de forma informal, com amigos, então a gente se encontrava às 7 horas do sábado no Leblon e saía para pedalar pela Barra. Quando eu passei a ter esses atletas de ciclismo, (...) pude observar que não conseguia conciliar mais treinar e pedalar com eles a todo momento e que eles careciam de uma formação como ciclistas. Aí eu comecei a me envolver nisso.” (Walter Tuche – treinador e ciclista do grupo)

A inserção do pesquisador como membro praticante teve início no mês de Outubro de 2008. Como muitos que iniciam no grupo, já conhecia o responsável pela comunidade de ciclismo, o treinador Walter Tuche. Porém não detinha nenhum conhecimento prévio da modalidade de estrada, não pedalava regularmente, mas se interessava pelo esporte, por gostar de bicicletas desde criança.

A recepção no grupo não foi difícil. Há uma maior atenção do treinador com os iniciantes nas primeiras semanas, seus assistentes também se encarregam da integração no grupo e o espírito de companheirismo entre os praticantes nos treinos transmite a sensação de que todos serão bem recebidos.

“Algumas pessoas que eu já conhecia também. Elas me deram muitas dicas, foram me ajudando. Fora isso o Walter me deu muita orientação. O grupo é muito acolhedor.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

Logo nos primeiros treinos, antes mesmo da compra ou investimento na bicicleta - equipamento mais importante e caro - uma bicicleta antiga foi emprestada, para ter certeza de que gostaria do grupo e do esporte. Uma semana depois, o primeiro treino com a bicicleta nova já adquirida: uma Wilier de carbono preta, recebida de presente e escolhida pelo design, história da marca e qualidade do equipamento – modelo utilizado durante toda a observação.

“O primeiro treino foi aquele que me convenceu de me reunir ao grupo, foi o que eu fui com a bike emprestada pelo Walter e eu achei tanta coisa positiva no treino, no grupo, que eu fui cativado por aquele ambiente, pelo treino em si como um todo.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

Ao longo dos quase dois anos, observou-se que o ritual é o mesmo para a maioria dos iniciantes: pegar uma bicicleta emprestada, andar uma ou duas vezes antes de comprar sua própria. Nas semanas iniciais andam atrás do pelotão, geralmente em um grupo orientado por um ciclista mais experiente. Este é encarregado de ditar o ritmo do treino dos iniciantes e passar dicas sobre a forma de pedalar, postura na bicicleta, tudo com a constante supervisão, às vezes firme - pelos riscos envolvidos - do treinador.

“O iniciante vai ter sempre um trabalho à parte, de orientação, de aprendizado da bicicleta, das regras de comportamento, via de regra tem um professor que na primeira, segunda aula anda com esse cara mais tempo, até ele atingir um estado mais evoluído e avançado.”
(Walter Tuche – treinador e ciclista do grupo)

As primeiras semanas como ciclistas foram as mais difíceis: se habituar a acordar na madrugada do Rio de Janeiro e aprender aos poucos, sem se deixar vencer pelas dificuldades de esgotamento físico, de ficar para trás do grupo e por

uma queda da bicicleta por não desprender a sapatilha do pedal – algo comum nos primeiros treinos.

“... o primeiro dia que fui pedalar, eu cheguei no treino e naquele posto do Jardim de Alá eu não consegui destravar a minha sapatilha e caí na frente de todo mundo, eu já cheguei pagando mico (risos). Mas as primeiras sensações não foram das melhores não, porque a todo instante você vê um grupo andando a 34, indo embora, e você tentando acompanhar e é frustrante. Mas para um cara que tem vontade e determinação, essa frustração pode ser revertida em uma coisa positiva.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

O ritual a cada treino permaneceu o mesmo até o fim da pesquisa em Julho de 2010: levantar cedo, por volta de quatro horas da manhã, tendo dormido pouco, tomar um café da manhã leve e rápido, vestir o uniforme (camisa do grupo laranja, bermuda de ciclismo) e ir para o treino, já com os equipamentos e alimentação preparados sempre na noite anterior. Na medida em que se começa a pedalar, o sono e problema do horário são vencidos, substituídos pela adrenalina e prazer do vento no rosto e visual da cidade (nascido do sol e paisagem). Os motivos para se seguir um ritual são muitos, mas o principal é não se perder tempo pela manhã: as normas internas determinam que o grupo não espera os atrasados e este aprendizado ocorre na prática.

“... organizo um dia antes, porque acordo às 4 horas da manhã, durante a semana, então é inviável você organizar alguma coisa e no fim de semana também...”
(Christian, 30 – 40, economista)

Nas duas semanas iniciais, o pesquisador sofreu com furos nos finos pneus da bicicleta de estrada, resultando em atrasos e perda do contato com o grupo. O treinador, que sempre ajudou, repreendia pela falta de verificação prévia do equipamento, e por vezes o treino e esforço de se acordar cedo foram prejudicados. Em poucas semanas, a rotina de verificação de pneus, enchimento prévio e de ter sempre uma câmara de ar de sobra, foi aprendida e com o tempo os rituais se tornaram mecânicos.

Um momento marcante na observação ocorreu em Agosto de 2009, após uma competição internacional com parte do grupo na França. Ao retornar da viagem, era clara a integração entre o subgrupo que viajou e treinou junto para a prova. A comprovação se deu em um jantar de confraternização, para homenagear o treinador e ciclista do grupo, Walter Tuche, por todos terem sido bem sucedidos

no evento internacional. Este encontro sintetiza o espírito de união observado na comunidade: apesar de ser composta por pessoas de personalidades distintas, a paixão e objetivos em comum as unem. Aliado ao retorno constatou-se um crescimento acentuado do grupo: o pesquisador não reconhecia uma parte do grupo.

“Com 7/8 caras estava muito cheio na época. No meio de 2005 a gente chegou a ter 15 atletas e aí foi um crescente muito rápido, no primeiro momento, um ano eu tinha 20/30 atletas, depois 30/40 e agora cresceu! então, efetivamente, pelo envolvimento de mais profissionais, pela segurança que a gente dá, pela orientação (...), por estar participando também, tendeu ao crescimento.”

(Walter Tuche – treinador e ciclista do grupo)

Devido à dimensão que o grupo tomou, ficou evidente sua divisão por grupos de experiência no esporte. Do iniciante aos mais competitivos, a evolução dentro da hierarquia invisível ao olhar externo é gradativa. Nos primeiros dois ou três meses, há uma luta para conseguir acompanhar os outros e ganhar preparo físico. Estes treinos por vezes terminam com doses de frustração e cansaço. Na medida em que se evolui, passa-se a subir de função, ditando o ritmo do pelotão¹ menos experiente, até se chegar ao grupo intermediário e, ao continuar o preparo, ao subgrupo com os membros mais velozes e competitivos.

“... identifico por nível de aprendizado, por nível de qualificação física e por objetivo. Temos triatletas de ironman, triatletas de provas curtas, ciclistas de longa distância, ciclistas de curtas distâncias e pessoas que querem participar – muitas vezes vão lá pelo simples prazer de pedalar.”

(Walter Tuche – treinador e ciclista do grupo)

o Os locais de treinos, funcionamento e diferenças entre pontos de encontro

No período de Outubro de 2008 a Fevereiro de 2009 a observação ocorreu nos encontros de quarta-feira e sexta-feira, com os membros do grupo que treinam na zona sul – orla de Ipanema e Leblon. O ritual desses dias se repete: os integrantes chegam mais cedo, em média cinco minutos, ao ponto de encontro localizado na frente ao hotel Sol Ipanema na Avenida Vieira Souto. Parte do grupo vem de carro, estacionando no local, outros pedalam até o ponto de encontro. Assim que chegam, iniciam as conversas em clima amistoso e descontraído. Os que vêm de carro montam a bicicleta e colocam equipamentos,

como capacete, luvas e sapatilhas. Às 5 horas da manhã, pontualmente, com a chegada das motos com os auxiliares do treinador e do carro com o treinador o grupo sai para a volta de aquecimento até o final da orla no Leblon, retornando até o fim da orla de Ipanema. Na medida em que se chega aos cruzamentos, motos e treinador se certificam da segurança para o grupo passar, formando um cordão com os ciclistas que ocupam uma faixa da praia - isto ocorre durante todo o treino. Nessa primeira volta, o ritmo é mais leve, para soltar a musculatura e, embora a contragosto do treinador, há uma intensa interação entre os praticantes, que por conta disso estão menos concentrados. Ao chegar ao fim da praia de Ipanema, próximo ao Arpoador, o treino é parado, são passadas informações do que será feito, terminam as conversas e o ritmo é intenso até o fim do treino às 6:10 da manhã. Só então os grupos, ao seguir para guardar os equipamentos, voltam a trocar contatos.

“... nos reunimos às 10 para 5 da manhã em frente à Rua Henrique Dumont, Ipanema, e às 5 horas, pontualmente, a gente sai e roda 1 hora e 15, até mais ou menos às 6 e 10.” (Paulo, 40 – 50, advogado e administrador de empresas)

Entre Março de 2009 a Julho de 2010, excetuando eventuais participações em época de competições (quando o treino era realizado em ambos locais) a observação migrou para os encontros bi-semanais, às terças e quintas na zona oeste – orla da Barra da Tijuca e Avenida das Américas. Os encontros se iniciavam às 5 horas e 30 minutos, saindo da Academia da Praia, no Jardim Oceânico, seguindo pela orla da Barra da Tijuca até se chegar ao Info Barra – ponto de encontro com os demais membros na Avenida das Américas. O ritual do treino da zona oeste é muito semelhante em certos sentidos ao da zona sul: grupo heterogêneo, com preponderância do sexo masculino, composto por pessoas de maior experiência profissional, com alto poder aquisitivo, faixa etária concentrada entre 30 a 50 anos, que vêm de profissões diversas e após a prática seguem para seus respectivos trabalhos. Assim como na zona sul, há um ponto de encontro e um momento em que o treino intenso é iniciado. Na Barra da Tijuca, entre a saída da Academia da Praia e o Info Barra, o grupo conversa constantemente, piadas entre os membros são constantes, o que cessa no Info Barra, quando o treinador passa o treino do dia.

“...acordo às 4 e meia da manhã, a gente se encontra umas 5 horas em frente da Academia da Praia, um grupo já vai conversando o tempo todo, falando e falando até encontrar com o restante no Info Barra. E aí a gente começa, encontra o pessoal que mora depois da Barra (...) e aí começa, a gente dá uma volta leve, vai até quase o Barra Bali e volta até o Info Barra, uma volta leve e depois tiros.”

(Julia, 30 – 40, administradora)

Duas diferenças, porém são determinantes: na zona oeste, a figura do treinador se mistura à do ciclista, pois ele, além de passar o treino, participa pedalando com o grupo. Além disso, os treinos são mais longos, duram em média 1 hora e 30 minutos, percorrendo um circuito pela Avenida das Américas de 50 kms. A importância dos professores auxiliares nas motos é então acentuada: em média o treino é interrompido ao menos uma vez, para frisar a importância de se seguir as orientações do treinador e de segurança.

“Os treinos são sempre orientados pelo Walter, eles têm que ser cedo, porque não tem trânsito, começam às 5 da manhã, por aí, tanto na Barra como na Zona Sul. Tem professores do Walter em motocicletas, como batedores, para auxiliarem na segurança do grupo, ajudando nos sinais, nos cruzamentos, para evitar acidentes. Os nossos treinos são bastante concorridos tanto na Barra como na Zona Sul tem muita gente (...), procura-se seguir as orientações que o Walter dá...”

(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

Por fim, durante todo o período de análise, semanalmente há um ponto de convergência que define e une o grupo: os encontros de fim de semana (sábados e feriados) entre todos os participantes para treinos mais longos, que duram em média 4 horas. São nestes momentos que os ciclistas conhecem melhor aqueles que compõem esta equipe amadora. Nota-se então uma forte interação entre os membros e um sentimento de pertencimento. Ao reconhecer pelo uniforme ou no local de treino, o integrante deixa de ser um desconhecido, passando a companheiro do grupo. Fora isso, somente uma ferramenta virtual - o *blog* do grupo - auxilia na comunicação e interação entre os integrantes.

Se por um lado há uma união do grupo, seja em paixão comum, objetivos ou até mesmo ações conjuntas – caso de campanhas para auxiliar organizações não governamentais - é nítida a formação de subgrupos dentro da comunidade de ciclismo Walter Tuche. Há o subgrupo dos ciclistas triatletas², do Ironman³, de uma prova passada ou futura, nacional ou internacional, além dos mais antigos, dos que entraram no mesmo período e dos de faixa etária em comum. Muitos

² modalidade esportiva olímpica (Triathlon) que envolve nadar 1.500m, pedalar 40Km em bicicleta de estrada e nadar 10Km em águas abertas (lagos, rios ou mar)

³ desenvolvido a partir do Triathlon: busca testar os limites humanos em 3,8Km de natação, 180Km de ciclismo de estrada e 42Km de corrida

transitam em mais de um subgrupo, mas todos compartilham dois fatores em comum: a paixão pela bicicleta e o sentimento de grupo.

4.2. Características do grupo: perfil, estilo de vida, sociabilidade dentro e fora do grupo, identificação com o grupo, heterogeneidade e subgrupos

A análise das entrevistas, assim como a observação participante, permitiram traçar o perfil de um grupo composto por pessoas mais maduras, realizadas profissionalmente e com poder aquisitivo elevado. São pessoas que têm o ciclismo como um esporte amador, atividade social e de lazer. Em relação à idade, a faixa etária do grupo está concentrada entre 30 a 50 anos, embora haja ciclistas mais novos e alguns inclusive com mais de 50 anos:

“De uma certa maneira, o pessoal do Walter tem uma condição financeira melhor – têm equipamento melhor, se vestem melhor, se você para dar uma identificação, se fosse um grupo desconhecido, tirando a camisa, teria isso como referência.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“... no caso do grupo do Walter, são pessoas, em linhas gerais, próximos dos 40 anos e com a vida financeira já resolvida também. (...) as pessoas já pedalam com mais segurança, mesmo com as neuras do Walter, o pessoal é mais consciente do que o ciclista deve fazer, como deve ser comportar.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“O grupo social, você tem mais ou menos as mesmas afinidades, a mesma faixa etária, a união, a alegria. Você acorda às 4 e meia da manhã para pedalar, mas você já sai rindo, é um grupo engraçado. (...) Não tem nenhum profissional no grupo, sabe! os profissionais, se você for falar, nem tem tantos equipamentos, como o grupo do Walter que é muito consumista, até mesmo pela faixa econômica dele.”
(Julia, 30 – 40, administradora)

“Comprovadamente, é o que tem tido mais sucesso com relação a esses atletas que têm ciclismo como hobby, não são atletas de ponta, são todos eles de mais idade, são todos velhos, mas com o fato de ser ciclismo a gente engana prá caramba a idade (risos).”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

O perfil indica que o grupo compartilha o mesmo estilo de vida e o mesmo padrão de consumo (COVA, 1996a, 1997; COVA & COVA, 2002). Por sua vez a faixa etária corrobora essa visão de Vieira e Freitas (2007), de que o ciclismo abrange todas as idades e possibilita que mesmo os de idade mais avançada sigam praticando o esporte.

Outra característica importante está na mudança dos hábitos, após a inserção no grupo e no esporte. O ciclismo passa a ser um estilo de vida para os praticantes. Sua vida social fora do ciclismo torna-se mais restrita e regrada pelos horários de encontro e prática, devido à necessidade de ser acordar cedo para pedalar e a exigência física do esporte. Os hábitos alimentares também se moldam de acordo com a prática, pelo gasto calórico que envolve a atividade, mesmo a amadora. Por conta disso, os programas noturnos tornam-se mais escassos e passam a ser realizados em horários compatíveis com os encontros que ocorrem sempre no fim da madrugada ou início da manhã.

“É um estilo de vida, porque o resto vai se moldando ao fato do ciclismo. Os hábitos alimentares, as saídas noturnas vão diminuindo, a bebida vai sumindo aos poucos. Mesmo quando está chovendo, a gente combina um café da manhã, ao invés de marcar um chopp ou sair para alguma balada qualquer. A gente muda mesmo, acaba trocando por coisas menos convencionais.”

(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“Isso (sair socialmente) é uma coisa que o ciclismo atrapalha bastante. O ciclismo não é um esporte que permite que você seja social, a não ser que você faça *mountain bike*. Esse ciclismo de estrada é cruel, até mesmo com os horários de treino, como eu já tinha dito, você disputa com os carros, você tem que sair muito cedo e enquanto todo mundo dorme você faz o seu esporte, então dificilmente você consegue ter saúde, disposição para sair até meia noite, 1 hora e no dia seguinte você está acordando às 4 e meia, porque você ta treinando às 5. Com a minha família eu sou movida a hábitos, eu tenho hora prá tomar banho, eu tenho hora prá tudo.”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Tenho poucos amigos, não tenho um grupo enorme de amigos, até porque você tem que ter amigas que se encaixem no seu horário, não vai sair para jantar às 10 horas da noite. (...) Então, você acaba deixando de lado muitas coisas que você gosta de fazer e você não percebe muito isso.”

(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“... se você é muito apaixonada pelo ciclismo, muda algumas rotinas de sua vida: horário de dormir, um pouco sua alimentação. Passa a ser um estilo de vida. Os meus amigos que não pedalam eu acabo vendo pouquíssimo, eles reclamam muito comigo.”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“...aquele treino é como um imã que atrai as pessoas, de algumas forma atrai, por performance, pelo grupo, então as pessoas passam a ter um estilo de vida em função disso. A gente não marca mais noitada, marca café da manhã, marca um almoço, não marca uma boate, festa de final de ano é uma festa de dia. Isso acaba envolvendo o grupo, um número de cem pessoas hoje e as famílias que eu acho que é o mais legal disso aí. A gente passa a atender e ajudar a criar uma cultura de um outro esporte.”

(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“O engraçado não é encher a cara, ir para a farra, fumar – não critico quem goste, porque já fez parte da minha vida no passado – mas são características que não fazem mais parte da minha realidade.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

O fato dos integrantes considerarem o ciclismo um estilo de vida, além de estar relacionado à reunião das pessoas em grupos, como apontam os estudiosos deste tema pós-moderno (COVA, 1996a, 1997; COVA & COVA, 2002), está de acordo com o estudo de Moutinho et al. (2007) sobre a tribo dos surfistas, onde os autores destacam que as comunidades esportivas são cultuadas como um modo de vida.

Alguns entrevistados destacaram sua vida social, associada também a outros grupos de interesse, como amigos do trabalho, infância, faculdade e outras atividades. Isto remete à decadência do individualismo (COVA & COVA, 2002) e à recomposição de ligações sociais (MAFESSOLI, 2006) baseadas na livre escolha (COVA, 1997), formando microgrupos na sociedade – as tribos pós-modernas (MAFESSOLI, 2006). Outro aspecto a ser notado é a intensidade e frequência dos contatos e encontros com outros grupos, que fazem com que sobre pouco tempo para encontrar ciclistas fora do ambiente de treinamento:

“... tenho amigos desde a infância, são as pessoas que eu saio mais, porque fazem parte do clube que eu frequento, dos lugares que eu vou, a gente se encontra muito.”
(Christian, 30 – 40, economista)

“Eu costumo sair pouco com o pessoal do pedal. Eu prefiro mais com meus amigos mesmo que eu fiz ao longo da minha vida, faculdade, trabalho. Saio muito com o pessoal do Walter quando estamos nos preparando para o Ironman.”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

“(saio)... com amigos dele, de outro grupo, do squash, (...) também, do grupo de dança. São pessoas que pensam mais ou menos como você, que tem mais ou menos o mesmo gosto, pessoas que você se identifica, essas são suas amizades. (...) Você treina e fica tanto tempo com essas pessoas, que você acaba ficando com essas pessoas mais do que com sua família. Então, se existe uma identificação, você vai sair, óbvio, vamos comer alguma coisa, mas não é muito frequente.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Minhas amigas, normalmente, antigas de escola, e são todas separadas solteiras e a gente se encontra. Eu não saio com o pessoal do grupo, (...) porque eu tenho amigos lá, mas não são amigos que eu saio fora de lá, são amigos de treino.”
(Julia, 30 – 40, administradora)

Por outro lado, para alguns – em certos casos os mesmos entrevistados que destacaram não se relacionar fora dos encontros - a vida social com os membros da comunidade vai além da prática esportiva. Isto sugere uma contradição - característica da pós-modernidade (BROWN, 1994) – já que uma parte do grupo afirma não sair socialmente fora do ambiente de treinamento, enquanto outra destaca o convívio social fora deles:

“Tem algumas pessoas, em especial, que eu já acolhi em minha casa (...). Saio para comemorar aniversário, falo quase que diariamente com quase todas as meninas do grupo, mas eu não sei por quê, não é por falta de afinidade, mas talvez por falta de oportunidade, eu não tenho o hábito de sair, assim com elas. Prefiro fazer da minha hora livre uma reunião com outras pessoas, já que eu encontro freqüentemente elas por conta dos treinos.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“...você vê que as pessoas passam a ter uma vida pessoal também partilhada, começam a freqüentar os mesmos lugares, combinar programas juntos.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“Mas acho que tem muito mais coisas boas, você poder viajar com o grupo, você poder sair com algumas pessoas com quem você se identifica, muitas pessoas se encontram, se casam no grupo de ciclismo, não foi meu caso, mas você vê acontecer isso.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“... já tinha alguns amigos meus que eu não via muito e a gente passou a ter um relacionamento próximo. E é muito legal isso, porque as pessoas se identificam e se tornam amigos fora dessa parte de treino também, não é só ali. Você treinou e não vai se ver só no próximo treino. Hoje eu tenho amigos e a gente se fala, acabei de almoçar com um amigo, a gente se fala o dia inteiro, se vê, sai socialmente. Apesar de ter pessoas com objetivos diferentes, como tem essa coisa em comum, acaba juntando. (...)Ter feito essas amizades foi bem legal, isso para mim foi muito importante, então tem pessoas hoje que eu convivo diariamente, falo 15 vezes por dia...”
(Christian, 30 – 40, economista)

É marcante nas entrevistas a identificação das pessoas com o grupo, o valor simbólico do ambiente para a vida delas e o aspecto positivo atribuído ao convívio social nos encontros. Em alguns casos, foram utilizadas palavras como “família” e “tribo” ao falarem da visão que têm do grupo. Além disso, a análise destaca a visão dos membros de que compõem um grupo heterogêneo, formado por pessoas de diferentes gostos, mas que por conta de uma paixão em comum - o ciclismo - se unem como grupo e se sentem ligados a uma comunidade. O espírito de companheirismo, identidade de grupo e afinidade por objetivos semelhantes são constantemente destacados nas entrevistas como razões para juntar as pessoas e

criar vínculos sociais. Outro aspecto também relacionado à união e que será abordado posteriormente, está na figura do líder do grupo, Walter Tuche, como elo de ligação da comunidade:

“Vejo uma facilidade muito grande das pessoas interagirem, são pessoas com quem consegui me relacionar muito bem, pessoas que brincam, sabem levar, não é a prioridade de cada um, todos têm seu lado familiar e o trabalho deve ser prioridade de cada um em relação ao ciclismo, assim como é para mim. Então as pessoas têm a oportunidade de mesmo estando treinando forte, tem a condição de chegar, conversar, brincar um com o outro...”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“A uniformidade no interesse é muito saudável. Todos ali estão buscando uma mesma condição, que é ter prazer na atividade esportiva. Acho que existe competitividade, alguns têm mais que outros, mas o mais claro para mim é que todos ali estão querendo uma qualidade de vida (...). Trazendo ao Walter, o seu carisma de conduzir um grupo tão heterogêneo de pessoas entorno de um único objeto, o ciclismo, o prazer, a paixão.” (Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“O que mais gosto é que as pessoas se dão bem, como está na mesma tribo, tem os mesmos interesses, tem uma troca, as pessoas conversam, o que viu, o que é, o que não é.”
(Christian, 30 – 40, economista)

“Apesar de você ter caras que no seu dia-a-dia não seriam seus amigos, na estrada todo mundo é muito chapa um do outro, todo mundo é muito companheiro. (...) O grupo do Walter, muito pelo Walter, tem essa capacidade de unir pessoas, com as quais você jamais estaria junto. Tem uns caras que são malucos (risos). Mas o grande companheirismo existe entre todos.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“... para mim virou estilo de vida. E ainda digo que o grupo do Walter se tornou a minha família, eu curto muito, gosto muito, e agora onde o Walter e a galera dele for eu estou junto.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

Os trechos acima destacam no grupo, aspectos característicos de uma tribo pós-moderna, como a heterogeneidade do grupo - variedade profissional e de faixa etária (COVA & COVA, 2002). Outros elementos, como a união por vínculos afetivos, como paixão, emoção e sociabilidade (COVA, 1997; COVA & COVA, 2002; MAFFESOLI, 2006), desejo de se relacionar com pessoas dotadas do mesmo interesse (ALGESHEIMER et al., 2005; COVA, 1997; COVA & COVA, 2002) e o sentimento de grupo (COVA, 1997; COVA & COVA, 2002) também são atribuídos às tribos pós-modernas. Para Muniz e O’Guinn (2001) a primeira característica para a existência de uma comunidade pós-moderna está na consciência ou sabedoria coletiva ou seja, o sentimento que difere o grupo dos

demais. Os autores destacam também o sentimento de obrigação comunitária que move as ações do grupo, o que pôde ser observado em alguns eventos beneficentes organizados pelos ciclistas do grupo promoveu ([HTTP 2]):

“Além da paixão por pedalar, o grupo tem uma postura com relação a problemas sociais que envolvem ciclistas, envolvem a cidade do Rio (...). Sempre que é possível a gente procura engajar as pessoas do grupo em campanhas (...). O Walter também está trabalhando para melhorar nossas condições de treinamento em Ipanema, na Barra, colocando placas, (...) não é um benefício só para a gente, são atitudes que educam a população a entender que o Brasil é o país do futebol, mas existem pessoas que praticam outros esportes, e não são poucas.”

(Patrick, 30 – 40, auditor)

Por fim, do ponto de vista da sociabilidade interna do grupo, embora haja um sentimento de união e afinidades comuns a todos, pode-se identificar a formação de microgrupos sociais dentro da própria comunidade Walter Tuche. Este aspecto é visto pelos membros como mais um aspecto positivo do grupo, pois nele cada um pode pertencer e encontrar pessoas que estejam de acordo com sua identidade:

“O grupo você não vai conseguir uma unanimidade, já teve dias de ter 60 pessoas no pelotão, você vê pessoas que não se relacionam com todas as pessoas, às vezes a pessoa se identifica mais com uma pessoa ou outra. De repente no meio de um grupo grande desses, você vais ter uns 3 grupos, coisa assim. Mas acho um grupo unido sim.”

(Daniel, 50 – 60, empresário)

“O que gosto mais são esses pares que você vai tendo e acaba encontrando no grupo do Walter. Você tem aqueles que são aficionados e não fazem mais nada, comem palitinho, salzinho na hora certa, aquele que simplesmente saiu por vontade de pedalar. Então, eu acho que pelo número (de integrantes) que o Walter tem, você consegue encontrar o seu sapato.”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Demora um pouco você fazer o seu círculo de amizades, dentro do círculo das pessoas que estão com o Walter, são muitas pessoas, e você não consegue ter uma aproximação com todos. Você costuma ter mais laços de amizade com pessoas que entraram no grupo mais ou menos na mesma época que você. Foi tranquilo (inserir no grupo), não tive nenhum problema.”

(Patrick, 30 – 40, auditor)

“...o grupo é muito receptivo, embora seja muito competitivo, e você dentro do grupo acaba mudando. Há pequenas ilhas, então você entra completamente caça-foice, boca de urna total, fica num grupo equivalente e vai seguindo. Então, dentro de cada grupo, você vai evoluindo – dentro de cada grupo há uma parceria muito grande.”

(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Acho que dentro do grupo, existem subgrupos que são mais unidos. Eu não diria que o grupo inteiro é tão homogêneo assim, mas tem núcleos mais próximos. O que eu participo mais é o núcleo que foi quando o Germano entrou e fazíamos treino educativo na areia...”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

Estas características estão de acordo com a identificação das pessoas, por meio de subculturas, interesses e visão de vida semelhante dentro dos microgrupos sociais (COVA, 1997; COVA & COVA, 2002; MAFFESOLI, 2006). Outro fator de destaque está na fragmentação de personalidades (FIRAT & SHULTZ II, 1997), adoção de identidades de acordo com a situação de momento (COVA, 1997) e o não comprometimento a uma única ocasião ou grupo (FIRAT & VENKATESH, 1995). Tais características estão evidenciadas, quando os informantes relatam a transformação dos ciclos de treinamento dentro do grupo e a afinidade com aqueles que têm em comum com eles o período em que iniciaram na tribo e com que, portanto tiveram maior contato. Dessa forma, de acordo com o objetivo de momento, embora mantenham certos grupos de amizades fixos, se relacionarão com outros microgrupos sociais dentro da tribo.

4.3. A relação dos entrevistados com o ciclismo

o Início no esporte ou grupo

Os informantes indicaram fatores diversos para iniciar no ciclismo, como a busca pela melhoria de saúde, sentimento de inclusão em um grupo social, melhoria da auto-estima, além de aspectos mais racionais, como a adequação do esporte aos horários da rotina pessoal. Alguns chegam ao grupo pela indicação e incentivo de amigos que já conheciam ou participavam do grupo, enquanto outros observaram o grupo de ciclismo nos locais de treinamento, conversaram com o responsável pelo grupo no local, pesquisaram em sítios eletrônicos especializados ou perguntaram por um grupo de ciclismo na loja de bicicleta do treinador. Em comum, embora muitos iniciem sem ter qualquer prática na modalidade de ciclismo de estrada, está o gosto pela bicicleta:

“... tenho um grande amigo que já pedalava com o Walter, (...) e eu sabia que tinha um grupo de malucos que rodava de madrugada na Zona Sul, e para mim fazia todo sentido a Zona Sul, o horário era cruel, mas é o que dá para alguém que trabalha...”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“... a minha entrada para o ciclismo (...) achei que fosse momentânea, porque eu tinha acabado de me separar, e sempre fui envolvida com esporte, sempre gostei de nadar, correr, mas não em grandes distâncias, e eu me via um pouco fora do contexto (...). Então, uma grande amiga minha (...), me perguntou: “por que você não compra uma bicicleta?” Eu fui e comprei a bicicleta – achei um absurdo o preço (...), depois que encomendei, porque pensei que fosse algo normal, e esse algo normal saiu um preço absurdo, aí eu falei “agora eu vou pedalar mesmo”. A decisão foi baseada para preencher um buraco, mas não como uma coisa planejada e querida.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“... sempre gostei de acompanhar o Tour de France, eu achava muito legal quando eu ia de carro para o trabalho e via os ciclistas passando, e eu comecei a gostar antes mesmo de fazer ciclismo de estrada, sempre gostei de bicicleta (...), desde criança pedalava por aí, mas nunca num grupo. (...) eu estava querendo um grupo! desestressar! fazer aquela aula! (...) eu ficava sem ter um grupo meu (...). Eu queria um grupo, que fosse de onde eu morava, os horários, e se não fosse um grupo legal eu, provavelmente, já teria saído.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Eu era obeso, muito gordo, e há um tempo atrás eu comecei a fazer academia, e emagreci, não tão simples assim, mas consegui emagrecer. E aí chegou um momento que estava maçante, eu estava cansado de ficar sempre na mesma coisa e aí decidi procurar outra atividade. Comprei uma bicicletinha para mim Caloi e, na época já corria, resolvi fazer o triathlon, comecei a investigar as coisas, encontrei o Walter e resolvi comprar uma bicicleta para pedalar lá no grupo – foi vício logo da primeira vez.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

As características apontadas para a escolha e início no grupo reforçam a importância que as ligações sociais têm em atribuir significado à vida das pessoas (COVA, 1995, apud COVA, 1997) e gerar bem estar (MCALEXANDER et al., 2002). Outro fator marcante está nos diversos motivos para a escolha do grupo, o que reforça a heterogeneidade em sua composição (COVA & COVA, 2002).

o Significado do ciclismo, motivação e sensação de pedalar

O valor e a importância do ciclismo na vida dos integrantes da tribo vão além dos aspectos racionais do esporte, como melhoria da preparação física e da saúde. Para o grupo, o esporte possui um papel mais relacionado a aspectos emocionais e está incorporado à vida dos seus participantes. Cabe destacar a recorrência nas entrevistas do prazer, felicidade e relaxamento proporcionado pela atividade. Ao descreverem a sensação de pedalar e o motivo para seguirem no grupo, os entrevistados destacam valores simbólicos, como a sensação de bem-estar, relaxamento, felicidade, alegria, prazer, realização, liberdade, equilíbrio e

escape da realidade. A análise demonstra que o ciclismo e o ambiente do grupo atribuem significado e dão sentido às vidas das pessoas. Quando se vêem impossibilitados de irem ao encontro do grupo, relatam sentimentos de vazio e culpa:

“Eu tenho um trabalho bem estressante aqui, muita responsabilidade, sozinha cuidando de filho, então é uma coisa que me relaxa, ao mesmo tempo que é forte, que é pesado, que é difícil, é relaxante para mim, é uma válvula de escape.”

(Julia, 30 – 40, administradora)

“Tem muito desse companheirismo, dessa troca de idéia no ciclismo, então, além do fato de ser (...) um exercício diferenciado, onde você consegue misturar muitas coisas, você tem energia, adrenalina da coisa, mas tem também aquele dia que você quer ficar só ali na roda, batendo papo – isso é um motivador do ciclismo (...) é uma luta pessoal, a sensação que eu tenho ao pedalar é que você está sempre brigando com você mesmo – o anjinho e o demônio. Mas é muito prazeroso, a adrenalina, o pós-treino, as horas que você fica na bicicleta. É um momento que sua cabeça não está pensando em nada, você está zerado, se você quiser refletir sobre as coisas da vida é o momento oportuno, então eu considero um hábito muito prazeroso, embora fisicamente seja muito desgastante.

(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“... muito boa, eu me esqueço de tudo. Quando estou pedalando, eu foco naquele treino. Para mim é bom porque me tira a preocupação da cabeça, coisas de trabalho, família. É uma sensação de liberdade (...), é uma paixão, eu acho que o grupo é um incentivador forte disso, para você treinar junto, pessoas com quem você convive, isso ajuda muito.”

(Christian, 30 – 40, economista)

“... é uma das coisas que mais me dá prazer na vida! (...) Eu busco é isso, melhorar, conhecer pessoas, poder pedalar vendo o dia nascendo é muito bom, e o ciclismo dá uma sensação de liberdade muito grande, porque você é você, na sua bicicletinha, o vento e o sol nascendo e é quase voar na bicicleta. (...) Primeiro, uma sensação de liberdade enorme, que é muito bom. Segundo, a sensação de dever cumprido, de você fazer uma atividade física e isso te endorfinar, que é a minha droga, eu não fumo, não bebo, mas a endorfina é tudo prá mim (...). Eu sinto que depois de pedalar o meu dia rende, você fica mais disposto, para você trabalhar, você já vai com outra energia, com outra felicidade.”

(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Tem dias que eu abro o olho e digo “hoje eu não vou”, mas na hora que eu vou para o trabalho e vejo que o dia amanheceu brilhante, céu azul eu fico arrependido o resto do dia inteiro.”

(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

Dessa forma as entrevistas indicam que o grupo faz dos encontros um espaço sagrado de culto à atividade, tendo impacto direto em sua auto-estima (MOUTINHO et al., 2007) e sensação de bem estar (MCALEXANDER et al.,

2002). Para Goulding et al. (2002) a tribo serve como escape da realidade e das obrigações do cotidiano. Ambos os fatores, em conjunto com o alívio do estresse, o ganho social, a busca por conquistas e aperfeiçoamento técnico - motivações para a prática esportiva destacados por Trail (2000) - são destacados por alguns entrevistados como a razão para praticarem o ciclismo de estrada. Outro fator está na ênfase de temas pós-modernos, como emoção e paixão para a reunião em grupo (COVA, 1997; COVA & COVA, 2002), participando do re-encantamento do mundo (MAFFESOLI, 2006). Além disso, deve-se destacar o significado que o ciclismo, visto do ponto de vista cultural e sensorial, agrega à vida de seus praticantes (DHOLAKIA & FIRAT, 2006).

O Figura do ciclista de estrada

Com relação à definição do ciclista de estrada, os informantes o destacam como uma pessoa fisicamente magra, com marcas no corpo originadas pela exposição ao sol (prática ao ar livre) e perna depilada no caso dos homens. Psicologicamente o vêem como um indivíduo preocupado com o estilo de seus equipamentos e vestimentas, além de ter um preparo mental para resistir à intensidade da atividade física e os riscos de pedalar entre os carros. Porém o que é marcante nas entrevistas é a preocupação dos integrantes de definirem o ciclista de estrada, como um praticante diferente dos demais ciclistas, sobretudo dos ciclistas de mountain bike. Esta visão está de acordo tanto com a transmissão de significados culturais dentro das tribos pós-modernas, quanto com a percepção cultural interna que define um grupo – consciência coletiva (COVA, 1996a, 1997; MUNIZ & O'GUINN, 2001; COVA & COVA, 2002; MAFFESOLI, 2006). Em relação às tribos esportivas, o uso de vestimentas e equipamentos característicos, além do comportamento que busca diferenciar o ciclista de estrada dos não praticantes e dos membros das demais modalidades, está de acordo com o resultado do estudo da tribo dos surfistas (MOUTINHO et al., 2007):

“... você sabe mais ou menos aquelas pessoas que praticam o ciclismo. Você vai ao shopping e vê um cara com a perna raspada – ou ele é triatleta, ou ele pedala ou ele corre. Na praia você vê as marcas características de sol e de ciclista, na mão (da luva), na perna, no braço, tem alguns traços característicos de fato.”

(Patrick, 30 – 40, auditor)

“É um cara perseverante, um cara disciplinado, um cara organizado, meticoloso, paciente, porque requer muita paciência, e diria que é um obstinado, porque é um esporte muito duro.”
(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“A indumentária é muito característica, ele é uma pessoa conscienciosa, responsável, sabe que é um esporte perigoso, então se cerca de cuidados. Ele está devidamente uniformizado, ele está de luva, está de sapatilha. E a roupa sempre identifica porque é colorida, com aquelas marcas padronizadas, ou seja, tudo isso. E também o comportamento, o ciclista de estrada é um desportista cauteloso.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Primeiro a bicicleta, de estrada. Segundo as características, a bermuda, o capacete, a camisa, a sapatilha. É um cara xiita com relação ao ciclismo, ele gosta do ciclismo de estrada, ele não gosta de *mountain bike*, ele gosta do ciclismo de estrada.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“Na linguagem do ciclista, eles (ciclistas de estradas) são marrentos, dá para ver claramente. Não sei se já participou de um evento de *mountain bike*, é um divisor de águas, você leva 1200 pessoas, você tem um apelo muito maior. Você vê da Caloi 10 até Mountain Bike (...) você tem um mix (...). O ciclismo de estrada, ele é o up! você tem que estar muito bem, com aquela roupa super bacana, chamativa, porque isso também diferencia você dos carros, você tem que estar bem magro, tem que estar forte, você não pode vacilar, então isso te dá uma importância, você se sente um carro! (...). Eu acho que o ciclismo de rua te dá essa sensação de potência, você fica forte demais, não que você seja forte, mas você se sente assim e se comporta como tal.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Acho engraçado, porque são muito emperiquitados, comparados com os ciclistas de *mountain bike*. Eles gostam de uma roupa mais *fancy*, tudo combinadinho, capacete com a luva, tudo no estilo, um modelo menos casual, mais formal.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

o O Ciclismo

Cabe mencionar nesse momento a ênfase dos informantes ao ciclismo de estrada, como um esporte de grupo. Além disso, algumas pessoas destacaram o crescimento da cultura e o aumento do número de ciclistas de estrada, tanto no Grupo Walter Tuche, quanto nos demais grupos no Brasil:

“O ciclismo nunca é individual, o ciclismo é um esporte de grupo, o ciclismo é a arte de economizar e você não economiza sozinho, então dificilmente você vai chegar num lugar se você não tiver inteligência emocional no ciclismo. Definitivamente, não é um esporte individual. (...) ciclismo é o que dá mais visibilidade, que de fato ele é mais bonito, é empolgante, é glamoroso, é tudo isso (...) você não tem overdose de ciclismo. Em corrida você tem overdose, você passa mal, em ciclismo você nunca passa mal”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“...estou vendo que cada vez mais, as pessoas estão se voltando para a bicicleta. O Brasil também está tendendo a isso, a cultura de pedalar está se enraizando cada vez mais no mundo, por questões ecológicas, econômicas e acho que as pessoas sejam mais longevas no ato de pedalar.”

(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Nesses um ano e meio, dois que estou lá, eu vi o grupo crescer bastante, quer dizer não só o grupo dele crescer bastante, mas o ciclismo todo. Vejo, moro aqui nas Avenidas das Américas, então saio aqui, vejo as bicicletas passarem e a cada ano que passa, a cada semestre que passa, você vê uma quantidade cada vez maior de ciclistas aqui no meio da rua.”

(Daniel, 50 – 60, empresário)

“... o ciclismo é um esporte que cresce independente ou não o esporte tende a crescer por diversas razões. Uma delas é que é um esporte aeróbico, isométrico e sem impacto. Além de remeter liberdade, vento na cara, isso tudo é relevante.”

(Lauro, 30 – 40, economista)

“Acho (o ciclismo) muito de grupo, porque se você está num grupo coeso, acho que o grupo junto você consegue andar rápido, andar mais, um ajuda o outro, você se cansa menos, é mais seguro, porque você fica mais visível. Dá para fazer sozinho, mas é de grupo.”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

Estas declarações reforçam novamente a teoria da decadência do individualismo na sociedade pós-moderna e da busca das pessoas pela recomposição de laços sociais, através do pertencimento a microgrupos sociais (MAFFESOLI, 2006; COVA, 1997; COVA & COVA, 2002).

4.4. Os rituais e normas

Os rituais e normas internas do grupo merecem um destaque à parte. Se os rituais de treinamento já foram previamente detalhados na análise da observação participante, outras características também ressaltadas nas entrevistas serão descritas na sequência. Antes, porém, deve-se enfatizar novamente a importância dos locais de treinamento como pólo de atração da tribo analisada, tal como os totens serviam para agregar as tribos primitivas (COVA, 1997; COVA & COVA, 2001; AUBERT-GAMET & COVA, 1999):

“... aquele treino é como um ímã que atrai as pessoas...”

(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“... quando eu ia de carro para o trabalho e eu via os ciclistas passando...”

(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“... ia para a ciclovia da Barra, na Sernambetiba, pedalar às 6 horas da manhã. Então, aconteceu de nas terças. e quintas. eu cruzava com o pessoal voltando do treino às 7 da manhã...”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“...eu sabia que tinha um grupo de malucos que rodava de madrugada na Zona Sul...”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

o Rituais de preparação

Os rituais de preparação dos informantes indicam que o ciclismo de estrada, assim como destacado anteriormente, possui aspectos relacionados a um estilo de vida. No dia que antecede o encontro, a maioria dos informantes segue uma mesma rotina que envolve a separação e verificação dos equipamentos, assim como a alimentação nos treinamentos mais longos de fim de semana. As entrevistas passam também a idéia de que o hábito de pedalar está incorporado à vida dos integrantes:

“A minha única rotina é que não saio sem tomar café, mas não tenho hábitos, nenhuma crença. Sempre um dia antes eu vejo se tenho algum pneu furado – é o único cuidado que eu tenho. A roupa depende do tempo, isso sim eu tenho no meu closet tudo separado que é do ciclismo. Então, eu decido a roupa na hora, alimentação na hora, isso volto a te falar, durante a semana, porque no final de semana se vou prá estrada, isso tudo é organizado antecipadamente, porque você acorda muito cedo. Durante a semana eu acordo naturalmente como se eu estivesse indo trabalhar, porque isso faz parte da minha rotina, da minha vida, acordar cedo, escovar os dentes, tomar café e sair para pedalar.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“... quando a gente vai para a estrada eu tenho um ritual de preparo de organizar toda a mochila, é uma viagem, a gente tem que botar teus alimentos, teus isotônicos, teu creme de sol, sapatilha, uniforme, óculos, capacete, monitor cardíaco, então eu preparo tudo isso na 6ª. feira, porque no sábado de manhã eu tenho que sair de casa às 5 horas...”
(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Eu sou um cara muito metódico – para o treino da madrugada, eu encho o pneu da bicicleta no dia anterior e deixo tudo separado do que vou usar, tudo muito bem separado, minha bermuda, minha vaselina, minha sapatilha, meus óculos, minha luva. E nos (treinos) longos é a mesma coisa com os meus *shakes* com as coisas que eu vou tomar (...). Normalmente, eu acordo e ta tudo pronto.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Quando tenho os treinos, procuro dormir mais cedo, mas nem sempre é possível. De noite eu já preparo as garrafinhas, porque sou meio lenta de manhã, então tenho que deixar tudo pronto à noite, porque o que eu não deixar de noite, eu vou esquecer de manhã cedo, não tem jeito.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

Tais declarações ressaltam a importância que a preparação esportiva tem para seus praticantes, conforme destacado por Percy e Taylor (1997). Estão de acordo também com a importância dos rituais para afirmação do grupo (MUNIZ & O'GUINN, 2001) e sua caracterização como uma comunidade pós-moderna pela repetição de hábitos em comum entre a maioria dos membros da tribo (MAFFESOLI, 2006). Cabe destacar que a reação inicial dos informantes ao serem perguntados por um ritual de preparação foi de negar sua existência. Ao serem questionados, porém, sobre o quê faziam antes do treinamento, foram obtidas as respostas detalhadas anteriormente. Tal reação está de acordo com Cova (1996a; 1997), Cova e Cova (2002) e Maffesoli (2006) quando relatam que os rituais fazem parte do dia-a-dia das tribos e passam de certa forma despercebidos dentro e fora delas.

O Regras do grupo

Foi possível observar nas entrevistas que o grupo tem regras internas. Uma delas está no uso do uniforme do grupo que, embora não seja obrigatório, tem seu uso constantemente solicitado, como forma de identificação:

“O *coach* impôs ao grupo, tendo em vista um número de pessoas, que se use uniforme, pelo menos, duas vezes por semana. Mas eu acho que o grande glamour, mesmo, do ciclismo, é você usar, igualmente, ao esquí, são as roupas que você pode usar, são os óculos, os capacetes, as luvas. Infelizmente, hoje, durante a semana, a gente tem que usar o “WT” (camisa do grupo Walter Tuche) (risos).

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“... a gente fornece uma camisa com uma identidade do grupo para esses alunos. A gente tem incentivado, quase exigido o uso desse uniforme, dessa camisa, nem sempre isso é atendido pelos alunos, mas a grande maioria usa, na Barra nem todo mundo usa, mas é uma coisa importante pela identidade, e até em caso de alguma ocorrência, porque já houve casos em estrada de gente cair, verem o meu nome, me ligarem e eu saber quem é.”

(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

Uma regra em particular, reforçada pelo treinador do grupo e já incorporada ao comportamento dos ciclistas durante os encontros, deve ser enfatizada. Apesar de em alguns momentos (o que foi complementado com a observação participante nos treinos) os integrantes conversarem fora de hora, as conversas ficam restritas à reunião nos locais de saída e finalização dos treinos, assim como a etapa de

aquecimento do treino. Quando o treino é passado aos ciclistas, a regra é que as conversas devem cessar e o foco se voltar a andar em grupo com segurança. Esta regra, assim como o uso espontâneo do uniforme, caracteriza a transmissão de significado, cultura e comportamento do grupo, fortalecendo seus valores internos, tal qual destacado por Muniz e O'Guinn (2001):

“... jamais (brincando) converso com as pessoas durante o treinamento (risos). Eu acho que sou a pessoa que mais fala no grupo e isso não é uma coisa que eu quero ser, mas é uma coisa que eu sou assim, não é uma coisa que eu quero impor...”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Converso, o Walter reclama, mas ele também conversa, não tem moral (risos).”

(Daniel, 50 – 60, empresário)

“Converso durante os treinos de forma restrita, porque é perigoso durante os treinos a gente se distrair, qualquer conversa tira o foco, até mesmo porque fisicamente você não está nas condições normais, você está com o pulso acelerado, está com a respiração acelerada, respiração ofegante, musculatura retesada, está em alta velocidade, os movimentos têm que ser curtos e lentos, e cuidadosos. Então eu converso pouco. A hora de fazer contato social não é durante o treino, pode ser até nos intervalos, e entre os treinos, mas durante não.”

(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“... não costumo conversar. Muitas vezes, após os treinos, com algumas pessoas, mas durante dificilmente, até porque a dinâmica do grupo não permite.”

(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“Durante o pedal a gente até costuma (conversar), aí o Walter manda a gente calar a boca, mas a gente troca sim (contato), antes do pedal a gente bate papo. Procura saber o que está acontecendo com todo mundo. Faz brincadeiras. (...) É interessante, antes de começar, a gente brinca, bate papo, mas no treino o pessoal costuma ser muito centrado, com raras exceções, e alguns raros dias, mas levamos com muita responsabilidade...”

(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

Deve-se destacar também a importância que os rituais citados têm em criar uma consciência comum da tribo, firmando suas tradições e sua existência enquanto grupo (COVA, 1997; MUNIZ & O'GUINN, 2001).

o Normas do ciclismo de estrada

Uma norma destacada pelos informantes transcende o ambiente do Grupo de Ciclismo Walter Tuche e indica a existência de uma sabedoria coletiva (MUNIZ & O'GUINN, 2001) peculiar à tribo dos ciclistas de estrada. O espírito de

solidariedade, preocupação com a segurança e o sentimento de que poderia ocorrer com a própria pessoa, fazem com que os ciclistas de estrada parem, até mesmo interrompam o treino, caso algum companheiro esteja com problemas menores, com um pneu furado, ou maiores, caso de um acidente. Mesmo no caso de um estranho, o comportamento comum ao esporte, faz com que a pessoa se sinta no dever de perguntar se o outro necessita de algum apoio.

“Olha, eu ajudei, teve aquele episódio até, acho que foi até seu irmão que caiu. Eu tinha levado um tombo, acho que todo mundo que é ciclista já passou algum aperto. Então eu acho que é uma obrigação do ciclista, se passar por qualquer pessoa, pode ser um pneu furado, oferecer ajuda, porque um dia pode ser a gente, você não sabe.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“... mesmo sendo ou não do grupo do Walter, todo ciclista tem a obrigação de parar e ajudar, só durante os treinos, na competição não.”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

“... quando acontece uma situação, de risco, de necessidade, abro mão do meu treino para socorrer quem precisa. Se eu vejo que é uma pessoa que não tem afinidade mecânica em trocar um pneu, em consertar a bicicleta ou teve um acidente, primeiro vem sempre a segurança e depois a continuidade do treino.”
(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“... o mais comum de acontecer é um pneu furado, alguma coisa assim, e o ciclista de estrada necessita da parceria – tem que ser parceiro, tem que ser companheiro – porque muitas vezes durante esses treinos de estrada, como são horas e horas de estrada, o pelotão inicial se desagrega e então você tem que pedalar com um ou dois ciclistas, e é muito importante que algum outro ciclista te ajude. Tem que ter esse espírito de ajuda.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“A gente ajuda por duas razões. Primeiro porque a pessoa está precisando e segundo também porque muitas vezes você já passou pela mesma situação ou alguém não te ajudou, ou não teria como te ajudar porque você estava num lugar muito ermo, sozinho.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

“Já parei para ajudar gente do grupo e fora do grupo. É uma questão de solidariedade mesmo, porque uma hora pode ser comigo o problema e eu vou gostar de ter alguém para me ajudar também.” (Augusto, 20 – 30, administrador)

Tal comportamento é responsável por renovar a cada encontro o compromisso ritual e simbólico entre os praticantes do ciclismo de estrada, além de firmar sua tradição (COVA, 1997; ALGESHEIMER et al., 2005; MAFFESOLI, 2006) e reforçam o sentimento de obrigação comunitária destacado

por Muniz e O'Guinn (2001) para a identificação de uma comunidade pós-moderna.

O Mudanças de estilo

Por fim, tal qual ressaltado por Moutinho et al. (2007) com relação às comunidades esportivas, alguns ciclistas de estrada alteram sua identidade visual ao ingressar no esporte. Excetuando o uniforme obrigatório para a prática do esporte (capacete, luva, sapatilha, camisa e bermuda de ciclismo de estrada), a análise indica o hábito de alguns homens de depilar suas pernas, seja por motivos de saúde ou para ficarem com o estilo característico dos profissionais, o que indica a adoção deste esporte como estilo de vida (COVA, 1997):

“...os homens adotam, né?! eles depilam a perna, uma coisa de louco, né?!”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“Eu depilo as pernas, e foi a única alteração que fiz em meu corpo. O grupo exerce uma certa influência nisso.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Adoto a perna raspada, se não fizesse isso não rasparia a perna. Muita gente fala por questões de estética, é inegável. Mas por questões de saúde, porque o pêlo retém muita sujeira, então no caso a gente raspa ou depila, para no caso de algum ferimento, ou arranhão, você facilita a cicatrização e evita a inflamação, tanto que no meu caso é só perna, mas o pessoal vai do gosto de cada um, depila peito e aí vai por estética...”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

“Depilo a perna, as vezes que fiz massagem, foi muito melhor com perna depilada, uma questão funcional. É o estilo. O grupo exerce influência no material, na vestimenta, no estilo de vida.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“Eu passei a raspar minhas pernas. Porque dizem que numa possível, pretensa queda a assepsia de um machucado é melhor sem os pelos e (...) tenho um fisioterapeuta que vem regularmente em casa para atender a mim e a minha mulher, então quando ele faz massagem é mais confortável sem os pelos.”
(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

4.5. Características de consumo no ciclismo de estrada

As declarações obtidas nas entrevistas possibilitam traçar um panorama com os principais fatores de decisão de consumo no ciclismo. Com relação à qualidade do equipamento, embora alguns ressaltem o talento e a força física do ciclista como mais relevante, todos destacaram que a qualidade está diretamente associada

à melhoria do desempenho atlético. Os informantes atribuíram espontaneamente aos preços dos produtos e às marcas mais conhecidas a condição de apresentarem o melhor produto. Ao mesmo tempo em que a qualidade é destacada como fator determinante para a compra, a importância da beleza do equipamento também foi destacada como fator de escolha, sendo o design da bicicleta associado a “obras de arte” e a aspectos emocionais como “glamour”, “atração” e “satisfação”. Outra característica apresentada está na importância da escolha de um bom equipamento para a segurança na prática do ciclismo de estrada:

“Mas também acredito que não há uma ou duas marcas, existem muitas marcas de qualidade, muitas marcas boas. Eu acho que os ciclistas estão sempre procurando melhorar os seus equipamentos. (...) Na verdade, eu acho que as melhores bicicletas, atualmente, as de marcas mais conceituadas, mais conhecidas, mais famosas do mundo, elas são bicicletas mais bonitas (...) são verdadeiras obras de arte.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“... quanto mais caro, melhor o produto. O preço é inversamente proporcional ao peso, e peso em ciclismo é tudo, peso, qualidade de rolamento, de uma roda, de um pneu, é determinante. É muito melhor? É! e estética é tudo! tem que ter glamour, senão não tem graça!”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“... bicicleta não é uma coisa tão simples quanto parece ser, tem muita tecnologia desenvolvida e, óbvio, que isso está diretamente ligado ao desempenho. Outra característica que acho fundamental é a segurança, você está pedalando a 40/50 km por hora e não tem nada para te proteger, então a qualidade é fundamental. Uma virgulazinha que estraga na bicicleta o estrago vai ser muito grande.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“... quem não tem talento, tem equipamento. Ajuda, mas não está totalmente associado não. A bicicleta por si só não anda sozinha, se não tiver um bom ciclista não adianta. (...) O design é um fator agregador sim. A beleza dela sim (é importante), por questão de gosto pessoal, comprar algo que me atrai, que me apetece, satisfaz o meu gosto visual.”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

“Não diria que 100%. Mas a partir de um determinado momento, de um determinado nível de equipamento, sim. (...) você dá um salto significativo, faz diferença. Mas começa a chegar num ponto que já não é mais o desempenho, já é mais a fissura por ter um melhor, às vezes que eu sei que racionalmente aquilo não vai mudar em nada meu desempenho, mas pô é o melhor equipamento, a gente acaba sendo seduzido e indo além do que é.”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“...você está com ela durante muito tempo, você tem que gostar dela, eu já deixei de comprar bicicleta que não achei bonita. Você tá com ela, você olha pra ela sempre, você não pode comprar uma bicicleta que você não vai admirar, acho que você tem que admirar seu equipamento.”
(Julia, 30 – 40, administradora)

Estes aspectos estão de acordo com a preocupação com a estética e a aparência nas experiências de consumo (CASOTTI, 2004) e o destaque do valor simbólico que o produto agrega à imagem do consumidor, indo além da sua função de uso (FIRAT & VENKATESH, 1995; COVA, 1997; FIRAT & SHULTZ II, 1997). Com relação à indústria esportiva, tanto a estética, quanto a busca pelo aperfeiçoamento técnico (melhor equipamento) são destacados por Trail (2000) como motivações de consumo. Além disso, o destaque de todos à importância da qualidade da marca e equipamento indicam novamente a existência de uma consciência coletiva nesta comunidade (MUNIZ & O'GUINN, 2001).

o Características de consumo do grupo

A análise das entrevistas indica que os ciclistas do grupo decidem suas compras com base na emoção ou paixão pelo esporte, mais do que em aspectos racionais, como a necessidade de uso. Para alguns integrantes o consumo serve como estímulo à prática e realização pessoal, além de ser um meio de melhorar o desempenho. Em todos os casos é marcante a alegria com que os informantes descreveram suas razões para comprar novos equipamentos, associando a aquisição a fatores como “prazer”, “paixão”, “emoção”, “vício”, “motivação”, “curtição”, “preocupação estética”, “adoração” e “espetáculo”. Os depoimentos indicam se tratar de um grupo que pratica o consumo regularmente:

“Hoje mesmo eu fui vítima disso aqui numa loja (França), há duas horas atrás, porque vira um hábito de consumo, assim como vira estilo de vida, porque é um *hobby*, você tem prazer em praticá-lo e o uniforme faz parte, você quer usar uma marca conhecida, uma marca boa, porque os seus companheiros vão ver que você se preocupa em ter não só uma indumentária de qualidade, geralmente as marcas boas são de qualidade.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“A última roda que eu comprei tem uma vantagem assim. Eu sei que não vai fazer a menor diferença, mas você pensa, vou comprar é só um pouco mais caro, é paixão, né?! (...) na prática sei que não vai mudar em nada, mas...”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“...você compra muito pela emoção. Tem muita coisa no mercado de ciclismo, tem que tomar cuidado.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

“A última foi mesmo a vontade de trocar, não o desempenho melhor dela. Foi basicamente a vontade de trocar, já até sabia que não teria uma mudança de desempenho por conta disso. Ter de repente até tem, mas foi mais a vontade do novo mesmo.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“Mais do que deveria, porque às vezes a troca não é racional, a troca que faço não vai me fazer andar mais ou melhor do que eu ando.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“Sempre, tenho uma mania que eu deveria até tratar! porque sai um negócio novo eu digo “(...) quero comprar”. Eu tenho um colar, que é um Polar (monitor cardíaco) que você pode botar na bike e eu adorava, um belo dia eu estava futucando o site do Renato Estrella e vi um outro Polar, que eu nem precisava, mas comprei (risos). Eu gosto! eu curto!”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Costumo comprar novos produtos (risos), é um espetáculo! Há coisas que você não acha – manguito que é uma manga só, ou pernilito, você não acha no Rio de Janeiro e se acha, ou não é tão bom, ou é mais caro. Para a bicicleta costumo comprar quando saem modelos novos.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

Outro fator que merece destaque está na influência que o grupo exerce no comportamento de compra. Em alguns casos, os entrevistados destacaram na compra de outros membros o estímulo para novas aquisições ou para a determinação da marca de escolha:

“O grupo exerce influência na compra, o ser humano sempre quer mais, e quer sempre uma coisa que o cara do lado tem. Você está pedalando e vê que o cara trocou de bicicleta por uma melhor, você vai querer uma melhor, igual. A outra é a técnica mesmo, o cara começa a andar e diz “essa bicicleta é fenomenal”, muito melhor do que a que eu tinha. O cara que está chegando no grupo vai buscar informação com quem já está há muito tempo, ele quer absorver a experiência e vai buscar isso para sua vida.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“Ah sim, todo grupo há uma tendência de quando alguém veste, pedala, usa algum produto os amigos tendem a seguir, isso com certeza.”
(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“... às vezes é lá que você vê uma novidade (no grupo), ainda mais por conta do que eu estava falando. Como são pessoas ali que tem condição, você vê muita gente trocando de bicicleta, pessoal com bicicletas boas ali, então aquilo é sem dúvida nenhuma um atrativo. Acho que o próprio Walter faz também esse papel, estava sempre aparecendo com uma bicicleta nova para induzir o pessoal a comprar a bicicleta com ele lá.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“... você vê alguém usando um equipamento novo, pergunta, sabe das funcionalidades, enfim, você acaba tomando conhecimento do que existe. Você vê o cara usando, vê o cara falando...”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“O grupo exerce influência, (...) você vai para estrada e vê o grupo do Walter, são as maiores e as mais caras bicicletas. E a maioria é Pinarello. Você olha as deles, são bicicletas boas, também de carbono, mas ninguém determina que as melhores marcas são essas, essas e essas. Acho que o grupo do Walter fica muito na Pinarello, na Look e na Ridley, eles estipularam que essas são as melhores.”

(Julia, 30 – 40, administradora)

Cabe destacar, porém, que em dois casos foram apresentadas críticas ao consumismo por parte do grupo de ciclismo Walter Tuche, que seria nesse ponto exagerado e diferente das demais comunidades de ciclistas de estrada:

“... existe muito exagero hoje em dia que eu vejo no pessoal. Sim, se você troca uma bicicleta de carbono por uma de alumínio, faz efeito. Agora essas coisas de capacete aero, acho que é só consumismo. Marcha sei lá o quê, aí já acho muito exagero. Não tem nenhum profissional no grupo, sabe! (...) o grupo do Walter que é muito consumista, até mesmo pela faixa econômica dele. O quadro sim faz efeito, mas o resto é exagero.”

(Julia, 30 – 40, administradora)

“...o aspecto mais negativo que vejo hoje ali vai contra os meus princípios aqui no trabalho, porque, no caso do grupo do Walter, tem uma característica de consumismo muito forte, que talvez não represente exatamente o que é o ciclismo como esporte.”

(Augusto, 20 – 30, administrador)

Com relação às motivações de consumo, o aspecto emocional da compra pode ser relacionado à característica pós-moderna de posicionar a emoção acima da razão (BROWN, 1994). Para os integrantes do grupo o consumo está associado à melhoria de sua auto estima (TRAIL, 2000; MCALEXANDER et al., 2002; MOUTINHO et al., 2007), ganho social e aperfeiçoamento técnico (TRAIL, 2000), além da preocupação estética citada anteriormente. Deve-se ressaltar a indicação de um comportamento de cultura de grupo, já que as entrevistas destacam a influência do comportamento interno do grupo nas escolhas de consumo (COVA, 1997; MUNIZ & O’GUINN, 2001).

4.6. Valores de ligação do grupo

Maffesoli (2006), Cova (1997) e Cova e Cova (2002) destacam a impossibilidade do indivíduo existir de forma isolada na sociedade e a sua busca por pertencer a inúmeras comunidades pós-modernas, de acordo com sua necessidade de momento. Dessa forma, os indivíduos buscam nas tribos, produtos

e serviços que tenham a capacidade de gerar interações sociais e atribuir significado às suas vidas (COVA, 1995, apud COVA, 1997; COVA, 1997).

Levando em consideração o conceito de valor de ligação e sua relevância para a constituição das tribos pós-modernas (COVA, 1997), buscou-se identificar na análise, elementos capazes de gerar conexão social e sentimento de pertencimento ao Grupo de Ciclismo Walter Tuche. Ao todo foram identificados sete fatores – as bicicletas, o grupo e seu ambiente, os eventos, os rituais de prática, o uniforme, o *blog* do grupo e o líder da tribo, os quais são detalhados a seguir.

o Significado simbólico da bicicleta

“Os modelos de bicicleta são um capítulo especial e divertido dentro do ciclismo. Elementos fundamentais para o esporte, fiéis companheiras dos atletas, são estrelas nas pistas e estradas por onde competem” (VIEIRA & FREITAS, 2007, p. 50). Embora se trate apenas de um objeto, as entrevistas e a forma com que os informantes descrevem seus cuidados com suas bicicletas, justificam a afirmação de Vieira e Freitas (2007). Para os ciclistas do grupo o significado das bicicletas parece transcender seu valor material e seu propósito de uso, caracterizando a importância simbólica e emocional do objeto, como afirmado pela teoria pós-moderna (BROWN, 1994; COVA, 1996a; 1997; COVA & COVA, 2002; MAFFESOLI, 2006). A maioria das pessoas no grupo deu destaque ao local onde guarda seu equipamento, reservando a ele um espaço exclusivo, por vezes associado ao enriquecimento estético do ambiente – tema pós-moderno (FIRAT & VENKATESH, 1995), mas também à segurança de um bem valioso material e emocionalmente. Isto pode ser visto, de acordo com o referencial teórico, como a destinação de um local de culto e de afirmação do pertencimento à tribo dos ciclistas de estrada (COVA, 1997; AUBERT-GAMET & COVA, 1999).

“Eu gostaria de guardar na minha cama, mas é o lugar da minha esposa (risos). Elas ficam aqui no quarto da televisão, um da minha esposa e duas minhas. E os meus equipamentos num quarto específico na área de serviço, num espaço que reservo só para isso. Aqui no prédio, não tenho onde deixar, e, mesmo se tivesse, eu não deixaria porque são equipamentos muito caros. Não faz sentido deixar sem vigilância esse tipo de equipamento.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

“... principalmente, dentro de um grupo como o do Walter, a bicicleta passa a ser quase como mais uma pessoa da sua família, você vai estar sempre com ela ali. Tenho lugar para tudo – para bicicleta, para capacete. Os acessórios pequenos eu tenho uma parte do guarda-roupa, um espaço significativo onde fica tudo guardado, as bicicletas ficam na varanda da minha casa.” (Augusto, 20 – 30, administrador)

“Como eu moro sozinho, eu posso guardá-las onde eu bem entendo. Para você ter uma idéia da importância do ciclismo na minha vida, as duas bicicletas que eu tenho decoram as paredes da minha sala – não tem quadros, uma parede com a *mountain* e a outra *speed* (estrada) decoram minha casa, ficam naqueles suportes de ferro.” (Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Na varanda. Porque minha mulher deixa... senão ela estaria na sala.” (Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“A bicicleta fica na sala, fica mais perto da saída e porque é bonito, e o resto fica na área, as coisas mais sujas, sapatilha, capacete, ferramentas.” (Bruno, 30 – 40, administrador)

“... elas têm um lugar específico, num dos quartos que é o escritório, outras ficam na garagem. Quando voltam da oficina, ficam na sala, porque foram lavadas. (...) As minhas bicicletas têm mais valor do que os carros que tenho na garagem. Somando essas quatro bicicletas que estão aqui em cima, é mais seguro deixar aqui em cima.” (Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Não dá para guardar bicicleta desse jeito, não (fora de casa). Porque eu moro num apartamento pequeno, então não dá para guardar dentro de casa, não dá para guardar na garagem esse tipo de bicicleta. Então aí eu penduro como se fosse um quadro na varanda.” (Julia, 30 – 40, administradora)

“Guardo na sala, é uma coisa muito preciosa. Quando era só a minha ela não podia ficar na sala, mas, depois que comprei a da minha mulher. Hoje na minha sala ficam cinco bicicletas, com o “de acordo” da minha mulher (risos). (Manoel, 40 – 50, engenheiro)

As ligações sociais originadas nas conversas sobre as bicicletas (paixão em comum entre os ciclistas), as informações do grupo que influenciam a escolha dos modelos, assim como a admiração que os ciclistas demonstram pelos melhores equipamentos e novos lançamentos, ressaltam seu valor de ligação (COVA, 1997). Um fator de destaque nas entrevistas com integrantes do sexo masculino está na referência à mulher como pessoa determinante do local reservado à bicicleta, corroborando Brown (1994), pois o autor destaca a centralização do mundo pós-moderno nas decisões das mulheres. Por fim deve-se destacar a forma com que os entrevistados se referem à bicicleta que se aproxima do tratamento a uma pessoa do sexo feminino, demonstrando novamente a relação afetiva e importância do objeto.

o O grupo

Todos os 16 entrevistados destacaram em suas entrevistas a importância do grupo. Além de destacarem sua união como uma motivação à prática (conforme foi analisado anteriormente), os informantes ressaltam o aspecto positivo que o convívio social em um ambiente agradável, com pessoas com gostos semelhantes e felizes em pedalar, tem para atraí-los aos encontros. Cabe mencionar também em alguns casos o destaque atribuído, tanto à prática ao ar livre, em contato com a natureza, quanto o aspecto de seletividade do grupo, pois “aquele que não se encaixa não fica lá.” (Lauro, 30 – 40, economista):

“A sensação que eu tenho é que ali já não é mais só um grupo de pessoas que pedalam juntas (...). Então isso já é um ponto de união e, do ponto de vista do ciclismo, tenho certeza absoluta que em qualquer lugar que eu estiver pedalando ou não, e me identificarem como um aluno do Walter, o que eu estiver precisando de ajuda ali vão fazer por mim, como eu faria com alguém que eu reconheço como integrante do grupo.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“... as pessoas se ajudam o tempo todo, têm prazer de andar e estar juntas, e ou bem ou mal, se você leva em consideração que o horário é impróprio, alguma coisa além da performance está envolvida nisso e aí é o grupo. Eles são unidos.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“O que eu mais gosto nos treinos é o clima, muito embora eu seja altamente competitivo, se você não quiser entrar com frequência na competição, você não entra vai encontrar pessoas com a mesma vibração.” (Ricardo, 30 – 40, advogado)

“...a primeira expectativa que eu tenho na prática desse esporte é o relacionamento, a segunda seria a saúde e a terceira seria o bem estar, uma boa aparência física que você consegue com isso. A prioridade é que tenho um bom relacionamento com o grupo, isso não trocaria.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“O ambiente do treino é o melhor possível, o pessoal do grupo está sempre bem humorado, volto ao aspecto do companheirismo, da camaradagem, da amizade – e isso não interfere com a seriedade do treino, e esse bom humor que eu falo se reflete em descontração, muita naturalidade, e a gente se diverte durante o treino também.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Acho que a união do grupo. O pessoal, acima de tudo, tem um espírito de união muito grande, como uma grande equipe. Todo mundo ali é competitivo, mas nas doses certas, ninguém é louco e frenético a respeito de vitórias e querer sempre o melhor para si mesmo, o pessoal sempre pensa muito em coletividade lá, o que é muito bom!”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

De acordo com Cova (1997), Muniz e O'Guinn (2001), Cova e Cova (2002) e McAlexander et al. (2002) os valores e sentimentos partilhados pelas tribos, conduzem ao reforço da conexão entre seus membros e compensam a instabilidade (fluxo de pessoas) inerentes às comunidades pós-modernas. Dessa forma a importância atribuída ao grupo pode servir de indicativo de estabilidade e crescimento do grupo desde seu início em 2003 (Figura 1). Cabe destacar a importância atribuída ao convívio social no grupo, o que indica a busca pela recomposição dos laços sociais e a aderência ao elemento grupo como um valor de ligação da tribo (COVA, 1997; MAFFESOLI, 2006).

o Eventos

Seguindo a definição de valor de ligação (COVA, 1997), deve-se destacar os eventos – provas e treinos – na interação e simbolismo de grupo. Esses momentos seriam responsáveis por gerar um contato mais próximo e uma identificação por objetivos em comum, tanto no grupo, quanto no subgrupo que está treinando separadamente para uma competição ou nas viagens para provas de ciclismo de estrada. Isto reforça o aspecto da visão comum que une as tribos pós-modernas, seja por uma atitude, emoção partilhada, paixão, valores ou afinidades (COVA, 1997; COVA & COVA, 2002; MCALEXANDER et al., 2002) e reforça a importância da ligação para a interação social (COVA, 1997). Os locais de encontro da tribo servem também de pólo de atração, assim como os totens serviam às tribos primitivas (COVA, 1997; AUBERT-GAMET & COVA, 1999):

“Temos algumas ferramentas que nos unem, (...) as atividades unem o grupo.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

“...o que une mais o grupo são as provas que são feitas com o grupo inteiro ou essas viagens. Quando você faz um *ironman*, quando você faz um L'Étape³, as pessoas treinam juntas, então não é a prova, é o contato que você acaba tendo, porque os treinos são os mesmos, então você acaba se aproximando dessas pessoas...”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Eu já conhecia o Walter assim de cruzar (nos treinos da zona sul), eu já sabia de pessoas que já pedalavam com ele, aí eu acho que há uns dois anos atrás, por aí, talvez mais um pouco, eu liguei para ele.”
(Lauro, 30 – 40, economista)

³ Competição de ciclismo de estrada amador, realizada na França no mesmo percurso de uma etapa do Tour de France

“... você ter muita gente com o mesmo objetivo, com objetivos muito parecidos com os seus, isso funciona como estímulo, porque eu treinei agora para a maratona, a corrida, e, por vários motivos, acabei fazendo meu treino praticamente sozinho, muito mais difícil do que quando você faz um treino, como o L'Étape, que é puro sofrimento, mas com um monte de gente que está treinando ali contigo – tudo é uma questão de estímulo. Tem a questão social mesmo, de amizade, de bate-papo, que é de praxe – nos treinos da Zona Sul, depois do treino as pessoas conversam ali.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“... é uma busca de saúde, de relacionamento. O que eu observo hoje, eu costumo ver com as pessoas que são entrantes, é aquele treino age como um ímã que atrai as pessoas, de algumas forma atrai, por performance, pelo grupo, então as pessoas passam a ter um estilo de vida em função disso.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

o Os rituais de prática

Cova (1997), Muniz e O'Guinn (2001), assim como Maffesoli (2006) destacam a importância da repetição dos rituais para firmar a identidade das tribos, além de perpetuar e propagar seus símbolos, valores, cultura, linguagem, hábitos e comportamento peculiares interna e externamente.

A análise das entrevistas, bem como a etapa de observação participante não estruturada, permitiram a identificação de três aspectos relevantes nos rituais do grupo Walter Tuche que podem ser caracterizados como valor de ligação.

A primeira característica diz respeito ao ritual de união do grupo nos locais de congregação e às rotinas de treinamentos. A repetição dos eventos em determinados horários e realizada por um grande grupo de pessoas, é capaz de atrair novos membros para o grupo. Dessa forma, no momento em que o postulante ao grupo busca informação com o responsável pelos treinamentos ou com um de seus ciclistas, e passa a fazer parte do mesmo, o ritual cumpre seu papel de gerar interação social:

“Eu via aquele pessoal uniformizado, isso mais de ano, e um dia um ciclista que eu conhecia da praia me falou da loja do Walter. Eu fui na loja, aliás eu conheci a loja, antes dele, mas ele me via, porque ele mora na Barrinha, e um dia ele me viu na loja e disse ‘você tem que pedalar com a gente’...”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Eu tenho um grande amigo que já pedalava com o Walter (...) e eu sabia que tinha um grupo de malucos que rodava de madrugada na Zona Sul, e para mim fazia todo sentido a Zona Sul, o horário era cruel, mas é o que dá para alguém que trabalha e foi então que entrei em contato com o Fabrício (amigo), comprei uma bike e desde então estou com a turma toda.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

Embora sejam realizados individualmente no lar de cada um dos ciclistas do grupo, a similaridade dos rituais que antecedem a preparação para os treinos, pode ser compreendida como um valor em comum que une os integrantes do grupo Walter Tuche e firmam a identidade característica dos ciclistas do grupo. Esta situação pôde ser captada, por exemplo, no destaque que a maioria dos entrevistados deu à disciplina de dormir cedo nos dias anteriores aos treinamentos (sobretudo os mais longos de fim de semana), assim como na rotina de preparar os equipamentos (nutrição, uniforme e bicicleta):

“Quando tenho os treinos, procuro dormir mais cedo, mas nem sempre é possível. De noite eu já preparo as garrafinhas, porque sou meio lenta de manhã, então tenho que deixar tudo pronto à noite, porque o que eu não deixar de noite, eu vou esquecer de manhã cedo, não tem jeito. No meu carro já deixo o capacete e sapatilha também já mora lá, porque senão eu esqueço.”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“...sou bem metódico e acabei influenciando minha mulher. Um dia antes eu separo tudo que vou usar, boto a bicicleta no carro, boto a luva no painel, deixo a sapatilha atrás, tudo já pensado, quando chego já está tudo esquematizado, tudo certo no carro para me arrumar.”

(Lauro, 30 – 40, economista)

Por fim há os rituais que ocorrem coletivamente nos locais de treinamento e marcam os valores, normas e significado do grupo. Rituais como a pontualidade no horário de saída, os momentos permitidos de conversa, a dinâmica e estrutura de treinamento, assim como as orientações diárias passadas pelo treinador e seus auxiliares; fazem com que haja um aspecto coletivo, criam semelhanças e distinções do grupo de estudo com os demais grupos de ciclismo de estrada. Os rituais em comum agem dessa forma como um vetor de ligação social entre os membros da tribo:

“...faço terça, quinta e sábado, sempre às 5 e 15 da manhã, em frente à Academia da Praia, aqui na Barra da Tijuca. Encontro com esse grupo que encontra com outro grupo já no Recreio e pratico 60/65 km na terça e, eventualmente, 60km na quinta. No sábado a gente privilegia um ciclismo maior...”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Sempre pedalei quarta e sexta aqui na zona sul que são os treinos que o Walter faz de 5 às 6:15 da manhã (...). Como a zona sul estava com problema na praia, eu tenho ido mais para a Barra, porque acho que o treino lá, por ser mais longo, de 5 e 15 até 7 e meia, rende mais. (...) Sábado se faz um treino mais longo.”

(Christian, 30 – 40, economista)

“Tem a questão social mesmo, de amizade, de bate-papo, que é de praxe – nos treinos da zona sul, depois do treino as pessoas conversam ali. No esporte em si, a questão do trabalho do Walter, um trabalho sério e reconhecido (motivo de escolha do grupo), e a segurança que ele passa para a pessoa que está pedalando na rua.”

(Augusto, 20 – 30, administrador)

o O Uniforme

O uniforme, representado pela camisa com predominância da cor laranja e com faixas laterais em azul, com o emblema do grupo, é responsável pela identificação visual do grupo. Para Cova (1997) os emblemas servem como elemento de consolidação e afirmação da identidade da tribo e prestam suporte aos seus rituais. Conforme detalhado pelos informantes, esta característica visual gera o sentimento de pertencimento à tribo, pois distingue estes ciclistas, dos demais ciclistas de estrada. Isto indica a importância simbólica que o uniforme detém e sua relevância para conexão social dentro do grupo (COVA, 1997):

“Tirando a camisa, que facilita, eu não sei se o grupo do Walter tem uma singularidade a esse ponto que você consiga dizer que aquele atleta é um atleta do Walter. Acho que é o uniforme que diz claramente.” (Ricardo, 30 – 40, advogado)

“... no início ele pedia para as pessoas usarem a camisa laranja e tal, e eu não me sentia muito confortável, até mesmo porque eu pedalava bem menos do que a maioria, mas depois eu entendi que era importante para a segurança, para fazer parte de um grupo oficialmente e ser mais respeitado pelas pessoas que passavam e começou a funcionar...” (Bruno, 30 – 40, administrador)

“Identifico pela camisinha laranja, (risos) e como eu nunca participei de outros grupos, é um grupo que eles chamam de grupo da alegria, que é um grupo muito amigo, o pessoal se gosta muito, não é só para o ciclismo, as pessoas se unem para outras coisas também.” (Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“É difícil, identificar a gente identifica pela camisa, porque as pessoas são tão diferentes. Se você está na Magé, não tem como saber. Muitos eu conheço, óbvio, mas os que não conheço é pela camisa.” (Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“Antes de mais nada, a identificação visual que é o uniforme, a uniformização das roupas, as camisas do Walter, laranja e azul e, isso eu tenho que dizer, são ciclistas que sempre respeitam muito as regras do ciclismo (...): são ciclistas conscientes e responsáveis. (...) Eu via aquele pessoal uniformizado, isso mais de ano, e um dia um ciclista que eu conhecia da praia me falou da loja do Walter. Eu fui na loja, aliás eu conheci a loja, antes dele, mas ele me via, porque ele mora na Barrinha, e um dia ele me viu na loja e disse ‘você tem que pedalar com a gente’...”

(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

o *Blog* – tribos não tem fronteira geográfica

A parte dos treinamentos e competições, onde ocorre a interação entre os membros e cujos locais de encontro variam ocasionalmente, uma ferramenta de comunicação em particular contribui para a ligação social no grupo: o blog. Desde a implementação da ferramenta em nove de Julho de 2009, mais de 22.700 usuários únicos acessaram o blog do grupo ([HTTP2]). Esta ferramenta de comunicação é destinada aos atletas do grupo Walter Tuche e, conforme pode ser constatado nas entrevistas, está incorporada à cultura do grupo, fornecendo informações de treinamentos, provas, notícias, manifestações e a interação através dos comentários:

“Esse *blog* sim, esse já virou até igreja, diariamente eu participo, minha participação é pequena, mas para dar minhas opiniões, falar, escrever, mas independe da minha participação que faço a consulta todos os dias para saber o que está acontecendo. Eu acho que isso é um ponto de encontro virtual. Isso elimina um pouco do contato humano e, no final, quando você fala muito, dá problema.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Toda hora eu entro no *blog* do Walter, até para saber o que vai acontecer naquele dia, com quais pessoas, o que está acontecendo no seu grupo. Eu não sei quem posta, mas é atualizado a cada dois dias, você tem acesso e vê se os treinos de final de semana, vê a disputa que as pessoas fizeram, as colocações.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Participo ativamente, inclusive programei o meu *smartphone*, toda vez que ele posta alguma coisa no *blog*, eu sou avisado direto por e-mail. Eu utilizo mais o *blog* de forma passiva, mas eventualmente já comecei a dar alguma opinião lá. Acho excelente esse meio de comunicação com o grupo, por ali ele alcança todo o objetivo de manter o grupo informado”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Eu hoje não viveria mais sem o *blog*, porque eu tinha que mandar e-mail para todo o mundo, SMS para todo mundo, então o *blog* é um ponto de encontro de informação, acima de tudo – facilitou minha vida muito.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“O *blog* eu acho excelente, porque, na verdade, não só como meio de informação, mas também como meio de relacionamento, porque os comentários acabam servindo de paralelo também para as pessoas trocarem mais informações.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

Dessa forma pode-se considerar que a existência do grupo transcende espaços de encontros definidos e restritos a uma localização geográfica, representando a comunidade também no mundo virtual (KOZINETTS, 1999; MUNIZ & O'GUINN, 2001). O blog serve também como elemento que consolida sua afirmação de união e, através da interação entre os membros e ligação social, torna-se um pólo de atração e vetor de comunicação para as pessoas da tribo e de fora dela, perpetuando seus rituais, códigos, valores e história (COVA, 1996a; 1997; AUBERT-GAMET & COVA, 1999; MUNIZ & O'GUINN, 2001; COVA & COVA, 2001; 2002; ALGESHEIMER et al., 2005).

o Chefe da tribo

Devido à repetição nas entrevistas e dinâmica interna de funcionamento do grupo, o valor simbólico atribuído ao líder do grupo é o último item de análise. Todos os informantes reforçaram a existência de uma força centralizadora, responsável por mover o grupo e estabelecer normas internas, detendo valor de ligação singular à concepção do grupo (COVA, 1997). Os informantes se referem à figura do treinador com admiração, respeito por ser também um praticante, realçando suas características de liderança, carisma, amizade e união do grupo entorno de uma paixão em comum:

“Era absolutamente amador mesmo (no começo), o Walter treinando com um monte de gente junto com ele e aí houve uma evolução do próprio profissionalismo, do próprio mercado esportivo, (...) as pessoas buscarem uma assessoria, uma orientação mais profissional mais específica para suas necessidades, e junto com o carisma do Walter acabou aglutinando esse grupo que pode se enxergar como uma tribo.” (Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Não trocaria esse grupo por outro. Volto a dizer, primeiro que eu tenho pelo Walter uma grande estima e admiração por vários motivos: (...) é muito difícil você conseguir reunir tanta gente de diferentes níveis. Na Barra são mais ou menos 40/50 pessoas (...). E o que mais me chama atenção, é que ele consegue de verdade ser um “coach” (treinador para uma equipe toda), ele consegue fazer com que uma pessoa que nunca fez determinado esporte (...). É muito interessante como você transforma alguém em algo que nunca foi – o Walter tem esse poder, esse carisma, enquanto pessoa.” (Isabela, 40 – 50, advogada)

“... o Walter tem essa capacidade, você pega essas duas semanas que ele ficou fora na França, você não vê o mesmo treino, você não vê a mesma galera, você não vê a mesma energia. O grupo do Walter, muito pelo Walter, tem essa capacidade de unir pessoas, com as quais você jamais estaria junto.” (Ricardo, 30 – 40, advogado)

“O ambiente do treino é o melhor possível, o pessoal do grupo está sempre bem humorado, volto ao aspecto do companheirismo, da camaradagem, da amizade – e isso não interfere com a seriedade do treino (...). O próprio Walter contribui para isso, ele é muito agregador, ele estimula o ambiente descontraído durante os treinos, e todo mundo acompanha essa descontração, é o melhor possível.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Treinador, mas está lá, é companheiro, está praticando junto. Dá uma mistura entre como treinador e companheiro de treino. Para mim é mais um amigo que cativei na parte do esporte.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“... encontrei vários (grupos) e comecei a pesquisar e a conversar com os treinadores. O Walter foi o que me pareceu mais atencioso, além de ter os locais de treino mais próximos de onde eu morava na época que era em Copacabana, e o fato, também de ter um grupo de ciclismo (...). Além de orientar os atletas, eu acho que o Walter é responsável pela segurança – ele é meio que o pilar do ciclismo. Apesar dos profissionais que trabalham com ele serem ótimos, eu acho que o pessoal se dispersa um pouco quando o Walter não está presente.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“O Walter tem o poder realmente de catalisar todo mundo em volta do ciclismo, do treino dele. Ele tem muita personalidade muito forte, tem muita disputa, é muito polêmico, mas todo mundo escuta o que ele fala. Ele consegue unir um grupo grande em volta de uma paixão comum.”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

Apesar das pessoas se associarem à comunidade analisada de forma espontânea e motivadas por motivos descritos anteriormente, relacionados sobretudo a aspectos emocionais – temas pós-modernos (BROWN, 1994); a permanência, a orientação nos encontros, a identificação emocional e o carisma do treinador determinam a existência do grupo. Os dados obtidos indicam a existência, portanto, de um chefe da tribo que teria como papel central determinar e manter a ordem social do grupo. Esta existência contraria Cova e Cova (2002) ao afirmarem que tanto nas tribos arcaicas, quanto nas tribos pós-modernas não há a presença de um poder centralizador, responsável por manter a ordem do grupo e ditar suas normas internas (Quadro 3). Porém, cabe destacar que uma série de fatores determinantes para a visão de um grupo enquanto tribo pós-moderna foram identificados na análise, como a recomposição das ligações sociais (COVA, 1997; MAFFESOLI, 2006), a percepção de grupo (COVA, 1996a; 1997; MUNIZ & O’GUINN, 2001), a inexistência de fronteiras geográficas (KOZINETTS, 1999) e a união através de emoções partilhadas, estilos de vida em comum, crenças morais, rituais e práticas de consumo (COVA, 1997; COVA & COVA, 2001; 2002).

4.7. Síntese da análise de resultados

Esta parte do capítulo tem como objetivo confrontar diretamente os dados obtidos nas entrevistas com os principais elementos identificados na revisão de literatura e facilitar dessa forma a compreensão da análise de resultados do estudo.

Os dados secundários relacionados ao mercado de ciclismo de estrada e aos eventos de ciclismo foram utilizados com intuito de enriquecer a análise.

O critério de escolha dos autores citados neste item foi o de relevância acadêmica na área - citação e referência por outros autores. Os autores são também, por essa razão, os que foram mais profundamente estudados no capítulo de revisão de literatura. Para organizar e estruturar as informações, a síntese está dividida em dois sub-tópicos:

– A primeira parte busca confrontar as informações obtidas com as principais características atribuídas ao pós-modernismo. Esta parte está baseada nos artigos de Firat e Shultz II (1997), Firat e Venkatesh (1993, 1995), Van Raaij (1993) e Brown (1993, 1994, 1997).

– O segundo tópico estabelece a relação entre os aspectos peculiares às tribos pós-modernas e a realidade do grupo de ciclismo de estrada analisado. Os trabalhos de Cova (1996a, 1996b, 1997), Cova e Cova (2001, 2002) e Maffesoli (2006) são a base deste tópico.

4.7.1. Síntese das principais características pós-modernas abordadas por Firat e Shultz II (1997), com base nos trabalhos de Firat e Venkatesh (1993, 1995), Van Raaij (1993) e Brown (1993, 1994, 1997)

- **Hiper realidade**

A análise das entrevistas indica a busca pela ampliação ou simulação da realidade na vida pós-moderna dentro do grupo de ciclistas de estrada, assim como ocorre nas experiências de consumo de outras tribos (ECO, 1987, apud GOULDING, 2003; COVA, 1996a; FIRAT & SHULTZ II, 1997). De acordo com Firat e Shultz II (1997) por meio do imaginário e das simulações de experiências de consumo, o indivíduo pode preencher seus desejos por representação de imagem ao mundo exterior. Dessa forma, a declaração dos informantes indica que

para o grupo de ciclistas as provas nacionais e internacionais, as viagens em grupo para estes eventos, assim como o consumo de material informativo sobre o ciclismo (vídeos de provas, livros com a biografia de profissionais e percursos, além dos sítios eletrônicos) representam uma ampliação da realidade. Nas viagens e eventos os ciclistas de estrada amadores vivenciam a experiência de pedalar em um ambiente estruturado e organizado como uma prova de ciclismo profissional, em alguns casos inclusive lado a lado com os profissionais. As entrevistas abaixo destacam, o sentimento de experiência simulada e realização dos ciclistas ao pedalarem em uma etapa amadora do circuito profissional de ciclismo de estrada - o L'Étape du Tour, etapa amadora do Tour de France, a mais tradicional competição de ciclismo do mundo (VIEIRA E FREITAS, 2007):

“A minha experiência mais marcante no ciclismo foi o Tour de France, é indescritível, quem faz é que sabe. A sensação é que tem 9500 ciclistas com você, em busca do mesmo objetivo. Tive que vencer um desafio grande! o L'Étape.”

(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Vou a quase todos os eventos. Esse ano eu vou ao “L'Étape”, hoje em cima do gongo, liguei para um amigo....já tinha comprado a inscrição lá, enfim. Falta uma semana ainda e é um momento que você começa a se dar conta que você pode, é um dos grandes desafios que você jamais pensou em fazer...”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“...esse é um deles (eventos), além de ser uma prova para a qual eu estou me preparando há 6 meses, é claro que, além de ser uma competição, eu encaro isso como um programa de lazer. A viagem em si, a companhia desse pessoal todo, dos ciclistas, do Walter, isso é prazeroso, além de ser uma atividade esportiva.”

(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“...foi o L'Étape! (experiência marcante na prova de ciclismo) eu tinha medo de não terminar, mas além de terminar eu acabei antes do que imaginei, e fiz um tempo super legal. Fiz a prova inteira, rindo, fiz a prova conversando com uma amiga minha, curtindo, as duas revezando, carregando vários pelotes, entrava nas cidadezinhas na frente de um pelotão, as pessoas na rua incentivando. Adorei! Amei!”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

- **Fragmentação/ Descentralização do indivíduo**

A fragmentação do indivíduo significa que ele é livre para escolher e adotar subculturas, discursos e a personalidade que lhe convém a cada momento, sem a necessidade de se comprometer com uma única situação (COVA, 1997; FIRAT &

VENKATESH, 1995). Esta condição pôde ser identificada nas declarações, pois além de não pertencerem a um único microgrupo social e destacarem interesses diversos (COVA, 1997; MAFFESOLI, 2006), os informantes também destacaram a mudança de comportamento ao ingressarem ou saírem do convívio com o grupo. Brown (1994) argumenta que a fragmentação originou segmentos cada vez menores e especializados na sociedade. A existência deste grupo de ciclismo, posicionado em um segmento que representa 1% do mercado de bicicletas no Brasil ([HTTP3]), está de acordo com Brown (1994):

“Eu leio, vou ao cinema, quando eu não estou fazendo esporte, dançando, gosto de ficar em casa, visitar os meus parentes.” (Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“...sempre pratiquei esportes, já fiz corrida, já joguei vôlei, já fui windsurista, quando o esporte chegou no Brasil, no final da década de 70, também sempre gostei de leitura...” (Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“...ano passado eu estava treinando muito forte para o L’Étape. Eu estava pensando “vou treinar para fazer um encerramento de carreira aqui”. Mas hoje em dia eu procuro mais uma qualidade de vida, porque como eu amo pedalar, eu quero poder pedalar muito, sem me cansar, mas não tenho mais o objetivo de pedalar muito rápido e ser campeã em prova não, isso já passou!” (Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

- **Inversão da produção e do consumo - customização de produtos e busca de experiências**

De acordo com Firat et al. (1995) e Firat e Venkatesh (1995) o consumidor pós-moderno assumiu um papel na cadeia de produção, buscando através da customização de produtos e da busca de experiências de consumo não apenas a representação de sua individualidade, mas também a imagem que deseja passar para o mundo externo. As entrevistas corroboram os autores, pois os informantes destacaram a importância que atribuem a personalizar junto ao treinador seus treinamentos e dar sugestões que melhorem os encontros com o grupo. As customizações também ocorrem em relação às bicicletas, pois os ciclistas gradativamente implementam melhorias para satisfazer a paixão pelo ciclismo de estrada e assemelhar o produto ao gosto pessoal de cada um:

“Cem por cento, estou o tempo todo discutindo com ele, questionando, cobrando, adaptando quando preciso, em função das mudanças que acontecem, até de como me sinto em relação ao treino.”(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“...eu me comunico com o treinador, e eu acho que, em regra, o Walter tem que ter o papel de quem está dando a direção. A direção é essa, mas como é que você vai se sentir, como as coisas estão indo, você tem que dar o *feedback* diariamente.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Acho até uma maneira de você se motivar também, dar um *upgrade* no seu material. Aos poucos eu fui melhorando a minha bicicleta e ainda tenho melhorado ela. Busco melhorias e ficar com a bicicleta ideal para mim, a gente vai ficando mais exigente.”
(Bruno, 30 – 40, administrador)

“Costumo, po(...)! Vício! é viciante! Eu costumo comprar mais melhorias para a bicicleta, do que vestuário. Costumo sempre a pensar em melhorias. Eu para fazer mais rápido a coisa, eu nunca compro a bicicleta top de linha...”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

- **Justaposição de opostos**

Para Firat (1992) e Firat e Venkatesh (1995), devido à fragmentação da sociedade pós-moderna, é compreensível e aceito que o indivíduo adote personalidades diversas e muitas vezes diametralmente opostas e contraditórias, de acordo com as ocasiões que passará na vida e no decorrer de um mesmo dia. Tais características foram identificadas de forma variada nos dados obtidos com o grupo de análise. Alguns ciclistas destacaram a mudança de personalidade dentro do ambiente de treinamento, em relação ao comportamento fora dele. Enquanto outros ressaltaram a sensação de bem estar e diversão dentro do grupo, em contraposição ao mal estar gerado pelas obrigações da vida profissional. O conflito de ideais também foi identificado na adoção de um visual, divergente com o gosto pessoal, por causa do ciclismo.

“Dependendo do dia e do treino, eu percebo coisas, acho características minhas que não serem necessárias não aparecem tanto. Por exemplo, é uma coisa muito louca, quem me conhece na vida social diz “aí você é tão meiguinha, você pedalando é tão agressiva”. Mas às vezes é uma necessidade do momento, você precisa ser agressiva, para cair, levantar e sair pedalando!”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“...a minha entrada para o ciclismo foi uma coisa muito... achei que fosse momentânea, porque eu tinha acabado de me separar, e sempre fui envolvida com esporte, sempre gostei de nadar, correr, mas não em grandes distâncias, e eu me via um pouco fora do contexto”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Adoto a perna raspada, se não fizesse isso não rasparia a perna.”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

- **Perda do comprometimento**

Firat et al. (1995) e Firat e Venkatesh (1995) afirmam que umas das características da pós-modernidade está na incapacidade das pessoas em se comprometer com projetos duradouros, seja na vida pessoal, relacionamentos afetivos, profissionais, lealdade a marcas e atividades de consumo.

Nesse ponto faz-se necessário destacar que foi identificado no grupo um comportamento contrário à afirmativa. O grupo é composto por pessoas que vêm o ciclismo de estrada como projeto pessoal de qualidade de vida e que praticam o esporte com a comunidade analisada, em alguns casos, há mais de sete anos. As declarações em relação ao pertencimento e adesão ao Grupo Walter Tuche reforçam o compromisso dos participantes e o desejo de permanecerem no grupo. Quanto à comunidade maior dos ciclistas de estrada, a maioria dos informantes afirmou que somente cessaria a prática por motivos de saúde, o que caracteriza o comprometimento com um projeto de longo prazo no esporte.

“Quando o meu corpo tiver me dado um limite e, agora, estou com uma unha encravada, tem duas semanas a manicure esfolou o meu dedo, tá sangrando e dane-se, eu vou assim mesmo, vou dar um jeito, nem que eu tenha que arrancar o dedo, eu vou.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“Saúde (só para por). Só no dia que o médico disse que eu tenho um problema cardíaco e não posso pedalar, senão vou morrer. Ou você tem um problema no joelho, se pedalar, vai perder o joelho. Só isso!” (Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Não trocaria esse grupo por outro. Volto a dizer, primeiro que eu tenho pelo Walter uma grande estima e admiração por vários motivos: primeiro que é muito difícil você conseguir reunir tanta gente de diferentes níveis.”
(Isabela, 40 – 50, advogada)

“(considero o grupo) Muito unido. De forma alguma eu trocaria esse grupo por outro.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

- **Tolerância**

A tolerância e aceitação de diferenças, como estilos de vida, gênero, personalidades e gostos pessoais são características marcantes do pós-modernismo e podem ser identificadas no discurso do grupo de ciclistas de estrada (FIRAT & VENKATESH, 1995). Alguns informantes destacaram pequenas diferenças que

têm com pessoas do grupo. Porém ressaltaram que isto não cria problemas para o convívio social no ambiente de treinamento, já que esperam e aceitam indiferenças em um grupo grande – caracterizando a tolerância às diferenças (FIRAT & VENKATESH, 1995). Dessa forma há uma convivência harmoniosa e um respeito às pessoas, mesmo que não haja identificação pessoal:

“Eu gosto menos é do ti-ti-ti, isso não tem a ver com o grupo do Walter, mas é uma característica das pessoas – querem sempre falar das outras, isso é sempre um ponto negativo. Mas acho que isso se dá em qualquer grupo.”

(Isabela, 40 – 50, advogada)

“Talvez você tenha em certas horas um micro desequilíbrio de capacidades e isso talvez prejudique os mais fortes, mas acho que faz parte um pouco do negócio, você poder determinadas horas sacrificar um pouco para ajudar, para trazer os mais fracos para pedalam mais forte. Eu gosto muito de agregar, de elogiar os atletas que estão fazendo progresso que eu vejo...”

(Lauro, 30 – 40, economista)

“No grupo você não vai conseguir uma unanimidade, já teve dias de ter 60 pessoas no pelotão, você vê pessoas que não se relacionam com todas as pessoas, às vezes a pessoa se identifica mais com uma pessoa ou outra.”

(Daniel, 50 – 60, empresário)

“...não vejo nada de negativo (no grupo), se tivesse visto alguma coisa de negativo que me incomodasse muito, teria ido para outro grupo, mas de repente algo pontual de um ou outro, manias que podem encher o saco, mas nada demais.”

(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

- **Prontidão para se viver em estado de presente perpétuo**

Para Brown (1993; 1994; 1997) umas das tendências culturais pós-modernas está na necessidade do indivíduo em viver tudo, inclusive passado e futuro, no presente: aqui e agora. Esta tendência parece estar presente na realidade do grupo de ciclistas de estrada, pois alguns entrevistados ressaltaram em seu discurso o desejo de realização imediata. Isto está presente tanto no sentimento de conquista diária a cada treino ou prova finalizada, quanto no desejo de participar de competições esportivas:

“Eu não sonho mais (em participar de competições), eu estou realizando, eu vivo a realidade.”

(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“Todos que eu sonhei até hoje eu já participei, então faço dos meus sonhos realidade.”

(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Estou realizando os meus sonhos de esporte aqui, já, quando eu entrei no grupo...”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

- **Ênfase em forma e estilo – importância estética**

Os indivíduos buscam produtos ou serviços não mais por seu valor material, mas pelo valor simbólico: pela imagem que eles agregam à identidade do indivíduo (COVA, 1996a, 1997; FIRAT & SHULTZ, 1997). Dessa forma a preocupação estética tem importância singular nas experiências de consumo pós-modernas (CASOTTI, 2004). As entrevistas dos ciclistas do Grupo Walter Tuche indicam a preocupação com forma e estilo de seus integrantes. Em alguns casos foi ressaltado o valor simbólico que a beleza da bicicleta tem para a sensação de bem estar dos indivíduos pois a impressão que a análise passa é que no grupo “a bicicleta passa a ser quase como mais uma pessoa da sua família, você vai estar sempre com ela ali. Se você está com um equipamento que não te agrada, (...) você vai ficar sempre olhando para o cara do lado” (Augusto, 20 – 30, administrador). Outro aspecto mencionado foi a influência do grupo na escolha das marcas e vestimentas, assim como a mudança estética – depilação – em alguns homens, seja por estilo (semelhança com ciclistas profissionais) ou assepsia:

“O design é um fator agregador sim. A beleza dela sim (é importante), por questão de gosto pessoal, comprar algo que me atrai, que me apetece, me satisfaz o meu gosto visual.”
(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

“Mas sempre, com certeza, seja na bicicleta, seja no carro, na moto, num sofá, que às vezes o mais bonito não é o mais confortável, então você às vezes vai acabar comprando o mais bonito do que o confortável. Mas o design mexe muito com a atração das pessoas.”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“...quem não tem talento, tem equipamento. Eu acho que nós vivemos numa sociedade de consumo que a primeira imagem é a que faz qualidade aos olhos, mas, com o tempo, você vai vendo que isso passa a não ter muita importância. Hoje em dia você tem equipamentos de qualidade que estão evoluindo em termos estéticos e não estão evoluindo no material.”

(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Para mim é fundamental (o design da bicicleta). (...) eu sou arquiteta, sou muito ligada na coisa do visual, eu não teria uma bicicleta feia, não vai rolar, acho que posso ter uma que não é muito boa, mas é bonita! Trato tipo uma amiga, adoro!”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“...estética é tudo! tem que ter glamour, senão não tem graça! (...) Depilo a perna, as vezes que fiz massagem, foi muito melhor com perna depilada, uma questão funcional. É o estilo.”
(Walter Tuche, 40 – 50, treinador do grupo)

“Eu depilo só para competir só, se tem alguma competição em algumas semanas. Mas é para assepsia em caso de acidente. Minha esposa é médica, inclusive.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

- **Aceitação ou resignação ao estado de desordem e caos**

O sujeito pós-moderno aceita, por estar habituado culturalmente, as constantes situações de crise, desordem, desequilíbrio e mudança em sua vida (BROWN, 1993; 1994). Dentro do grupo de análise esta aceitação foi identificada em poucos casos, quando os entrevistados destacaram o poder de superação e a vontade de continuarem pedalando após situações de crise, como acidentes leves ou graves e situações psicológicas ou físicas em treinamentos ou competições:

“Quando eu estou bem, me sinto realizada, ganho o meu dia. No dia que estou muito cansada, que para mim é um terror de acompanhar. Você fica um pouco parada e achar que vai voltar no mesmo ritmo, quer acompanhar o mesmo grupo e aí é um inferno. Você sofre, dá vontade de chorar, é uma loucura.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“A primeira experiência foi horrível, a bicicleta tremia toda e eu ficava com medo dos carros, e das vans, dos ônibus e dos bueiros, enfim. Eu pedalava tranquilamente na ciclovia, mas quando fui para a rua eu não conseguia deixar a bicicleta reta. (...) Eu caía toda hora. Treinava, caía, treinava, caía. O tempo todo alguém me ajudava, o sinal fechava falavam ‘tira o pé, tira o pé’. No início eu caí muito, mas não desisti!”
(Julia, 30 – 40, administradora)

4.7.2. Principais características das tribos pós-modernas abordadas por Cova (1996a, 1996b, 1997), Cova e Cova (2001, 2002) e Maffesoli (2006)

- **Ciclo de vida das tribos - constante formação e transformação**

Durante seu tempo de vida, as tribos pós-modernas passam por constante formação e reformulação (MAFFESOLI, 2006). Em relação ao seu ciclo de vida, elas se formam, crescem, atingem seu ápice, iniciam seu fim e terminam (COVA & COVA, 2001). O depoimento dos informantes ressalta o acentuado crescimento do Grupo Walter Tuche nos últimos quatro anos (2007 a 2010) e o

comprometimento dos ciclistas com o grupo. Isto resulta na entrada de novos membros, sem que o grupo reduza seu número de participantes (Figura 1). Dessa forma, de acordo com o ciclo de vida proposto por Cova e Cova (2001), pode-se considerar que o grupo encontra-se no estágio de crescimento:

“A sensação que eu tenho é que o grupo do Walter, hoje, se movimenta sozinho. É óbvio, que tem sempre um trabalho de divulgação e incentivo que a gente está fazendo e traz muitos alunos novos, mas já vai sozinho. Tomou uma proporção, tem tanta gente que gosta que está saindo um, estão entrando vários. O grupo é uma coisa que tem vida própria.”
(Augusto, 20 – 30, administrador)

“O grupo cresceu absurdamente, a quantidade de pessoas hoje, tem gente que eu não conheço, isso era impensável há 2 ou 3 anos atrás, hoje tem gente que a gente vê, sabe que é do Walter, mas...”
(Christian, 30 – 40, economista)

“O grupo só cresce! (...). Acaba que, obviamente, não dá para você se relacionar da mesma forma com todas as pessoas, porque não tem como, mas é um grupo que só cresce – as pessoas gostam, convidam outros, eu mesma já trouxe outras pessoas que eu achava que seriam bem aceitas e que gostariam de fazer, que têm paixão por esporte, por ciclismo.”
(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

- **Grupos heterogêneos em relação à origem, idade e profissão**

As pessoas das tribos pós-modernas formam um grupo heterogêneo em termos de origem, gênero, idade, personalidade e profissão, mas que se unem por terem uma visão comum da realidade (COVA & COVA, 2001, 2002). O grupo de ciclistas analisado está de acordo com as características ressaltadas pela literatura. Embora haja uma concentração de pessoas entre 30 e 50 anos, tanto as entrevistas, quanto a observação participante demonstram a integração de indivíduos de outras faixas etárias dentro do grupo (20 a 30; 50 a 60), não ocorrendo uma restrição de integração por este fator. Com relação à diversidade profissional, há onze (11) profissões diferentes no grupo de dezesseis (16) entrevistados (Tabela 1). A variedade de gênero também está presente na tribo. Por fim cabe destacar que, para os entrevistados, a variedade de personalidades e objetivos é vista como um diferencial do grupo, pois conhecem pessoas com quem normalmente não teriam contato e encontram no grupo aqueles com quem se identificam:

“O bom do esporte é exatamente isso, você consegue interagir com pessoas completamente diferentes...”
(Daniel, 50 – 60, empresário)

“Diferentes pessoas, algumas mais simples, mas todas com o astral muito bom. São todos amigos e conseguem se integrar, há uma harmonia predominante entre o grupo. (...) algumas pessoas que são mais competitivas e acabam criando a desarmonia. Mas com o tempo, mesmo essas pessoas mais marrentas, acabam entrando no clima do grupo.”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“...eu gosto do grupo, óbvio que em alguns momentos pensei em mudar, mas acho que não tem um grupo tão unido como o do Walter, eu me sinto segura nele. É legal, no grupo tem um sapatinho torto para todo mundo.”
(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“Apesar de você ter caras que, no seu dia-a-dia, não seriam seus amigos, na estrada todo mundo é muito chapa um do outro, todo mundo é muito companheiro.”
(Ricardo, 30 – 40, advogado)

“Na verdade, você tem características diferentes, no meu caso, eu tenho família, outra vida, mas tem gente que se dedica mais, tem um tempo maior para se dedicar a isso, então a gente vê uma evolução maior nessas pessoas.”
(Christian, 30 – 40, economista)

- **Formado por escolhas afetivas e pela busca de retomar ligações sociais**

Cova (1996a) e Maffesoli (2006) ressaltam no neotribalismo a preocupação dos indivíduos em viver o presente coletivamente, através da recomposição dos laços sociais baseada em escolhas afetivas. Esta busca pela retomada das ligações sociais (COVA, 1996a, 1997; COVA & COVA, 2002; MAFFESOLI, 2006) pode ser identificada no grupo de ciclismo em situações variadas. Em algumas entrevistas os participantes do grupo destacam a identificação baseada em emoções para a permanência no grupo após o primeiro encontro. Outros informantes ressaltam a importância do convívio social e o prazer de estar no grupo, como motivos para praticarem o ciclismo de estrada. Este contato social está presente tanto nos treinos e competições, quanto nas viagens que o grupo organiza para as provas, nos encontros de final de ano ou celebrações fora do ambiente de treinamento e até no convívio social que certos membros cultivam entre si fora dos encontros do grupo. Dessa forma pode-se considerar que para seus integrantes, o grupo e o contato social possuem um valor simbólico relevante:

“O que mais gosto é estar com as pessoas, além do exercício em si, é estar na praia, em lugares abertos, na montanha.”
(Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“O primeiro treino foi aquele que me convenceu de me reunir ao grupo, foi o que eu fui com a bike emprestada pelo Walter e eu achei tanta coisa positiva no treino, no grupo, que eu fui cativado por aquele ambiente, pelo treino em si como um todo.”
(Josué, 50 – 60, oficial da Marinha)

“Principalmente o relacionamento, não só no ciclismo, mas também na natação. Para mim é sempre muito mais fácil fazer tudo isso em grupo, senão eu não acordaria às 4 da manhã para ir pedalar sozinho...” (Daniel, 50 – 60, empresário)

“O que eu mais gosto é poder trocar experiências com as pessoas, pequenas disputas com um e com outro, medir força numa brincadeira. A convivência é muito boa, é bom você estar com pessoas que gostam das mesmas coisas que você.”
(Patrick, 30 – 40, auditor)

“Essa integração do grupo (positivo)! é um grupo unido, o grupo se dá bem, e você ter toda essa programação que o Walter promove das pessoas e dos encontros, um ponto de encontro nos finais de semana, sair para treinar junto, acho que isso te incentiva a continuar treinando.”
(Christian, 30 – 40, economista)

- **Unidos por valores quase arcaicos como identidade local, símbolos e sentimento de grupo, entorno de temas pós-modernos como estilos de vida, práticas de consumo, paixões, afinidades e emoções compartilhadas**

As tribos pós-modernas conectam as pessoas por meio de elementos como identidade local, sentimento de grupo, afinidade, emoção e paixão (COVA, 1996a, 1997; COVA & COVA, 2002). De acordo com Cova (1997), Muniz e O’Guinn (2001), Cova e Cova (2002) e McAlexander et al. (2002) os valores e sentimentos compartilhados pelos membros das comunidades pós-modernas, levam ao reforço dos laços entre seus membros e compensam sua instabilidade (fluxo de pessoas) característica. Tais características foram identificadas no discurso de alguns entrevistados em diversos momentos. Para alguns a união do grupo, em um ambiente agradável, alegre e amistoso favorece a permanência no grupo. Outros casos ressaltaram o sentimento de identificação do grupo em aspectos visuais, como o uniforme e a presença nos treinos, criando uma atitude de companheirismo ao reconhecerem a pessoa como membro do grupo. Por fim há aqueles que destacam os contatos sociais nos treinamentos, a identificação com os valores do líder do grupo e a paixão que têm em comum como determinantes para a permanência no grupo:

“Ele tem muita personalidade muito forte, tem muita disputa, é muito polêmico, mas todo mundo escuta o que ele fala. Ele consegue unir um grupo grande em volta de uma paixão comum.” (Manoel, 40 – 50, engenheiro)

“...quando estão ali se identificam muito, muito unidos, brincam, conversam, trocam idéia – são pessoas mais ou menos, no mesmo nível, então todo mundo pode viajar junto, todo mundo tem os mesmos interesses, existe uma troca grande entre essas pessoas.” (Christian, 30 – 40, economista)

“O mais positivo é o grupo unido, grupo feliz. Eu acho que a coletividade tem uma vantagem, que não se encaixa não fica lá. As qualidades sempre tendem a prevalecer. É um grupo feliz, as pessoas são humildes. Que é o que eu acho eu importa. As pessoas são amigas.” (Lauro, 30 – 40, economista)

“...o grupo, por ser um esporte que exige o conjunto, o pelotão, o pessoal da Claro, do Iron (grupos que treinam juntos em competições), a gente treina todo mundo junto, a gente sofre junto, o pessoal da montanha, isso faz com que acabe aglutinando mais as pessoas, as personalidades.” (Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“Especificamente através da uniformização, mas se essa pessoa está passando na rua, e saber se ela é do grupo do Walter, só se ela vier falar contigo. Sem identificação visual é impossível.” (Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

- **Simbolismos e rituais perpetuam a tribo, transmitem seu significado, valor, cultura, comportamento, hábitos e linguagem, fazendo parte do seu dia-a-dia**

Partindo da premissa de que as tribos perpetuam sua história, marcam sua existência e transmitem suas características devido a um compromisso ritual e simbólico entre seus membros (COVA, 1997), pode-se afirmar que os rituais da tribo consolidam sua presença e unem seus integrantes. As entrevistas indicam também a transmissão da sabedoria comum – cultura da tribo – aos participantes, tanto no conhecimento das rotinas de encontro, quantos nos rituais de preparação que os antecedem. Além disso, devido à semelhança no discurso em relação às normas internas, reforçam a existência da transmissão de informação dentro do grupo:

“...é uma rotina prazerosa. Eu não considero a rotina uma coisa ruim, saber que 4ª., 6ª. e sábado você vai pedalar, isso me dá prazer.” (Ricardo, 30 – 40, advogado)

“As pessoas, além do Walter, ele tem uma capacidade enorme, ele forma um grupo muito legal, mesmo não conhecendo todo mundo, só por ser do grupo você tem uma empatia, é quase uma família assim.” (Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“...acordo às 4 e meia da manhã, a gente se encontra umas 5 horas em frente da Academia da Praia, um grupo já vai conversando o tempo todo, falando e falando até encontrar com o restante no Info Barra. E aí a gente começa encontra o pessoal que mora depois da Barra é o restante, e aí começa, a gente dá uma volta leve, vai até quase o Barra Bali e volta até o Infobarra, uma volta leve e depois tiros.”

(Julia, 30 – 40, administradora)

“Às sextas quando a gente vai para a estrada eu tenho um ritual de preparo de organizar toda a mochila, é uma viagem, a gente tem que botar teus alimentos, teus isotônicos, teu creme de sol, sapatilha, uniforme, óculos, capacete, monitor cardíaco, então eu preparo tudo isso na 6ª. feira, porque no sábado de manhã eu tenho que sair de casa às 5 horas para dirigir 50 minutos até chegar na estrada e me preparar mais 10 minutos para estar pontualmente clipado (sapatilha presa ao pedal) às 6 horas para sair.”

(Paulo, 40 – 50, advogado e administrador)

“...se for possível sim (conversa). O Walter não gosta muito que a gente converse durante o treino, mas quando termina sim, troco e-mails, telefone.”

(Patrick, 30 – 40, auditor)

“Sempre rola uma social, depois do treino, principalmente.”

(Christian, 30 – 40, economista)

- **Formação e co-existência de subgrupos dentro das tribos**

Por fim cabe destacar, assim como ressaltado por Maffesoli (2006), a formação de microgrupos sociais dentro do grupo de ciclismo de estrada Walter Tuche:

“Acho unido, apesar de ser um grande grupo com vários grupinhos dentro.”

(Gabriela, 40 – 50, arquiteta)

“De negativo é quando começa a ter uma competitividade muito grande, aí acaba sendo uma coisa ruim...”

(Andréia, 30 – 40, fisioterapeuta)

“...às vezes a pessoa se identifica mais com uma pessoa ou outra. De repente no meio de um grupo grande desses, você vai ter uns 3 grupos, coisa assim.”

(Daniel, 50 – 60, empresário)

“Participo bastante de competições, é o que me estimula a continuar treinando, porque treinar por treinar enche o saco!”

(Felipe, 20 – 30, consultor de empresas)

Através da identificação pessoal (afinidades) e de objetivos partilhados, pequenos grupos de relacionamento são constituídos dentro do Grupo Walter Tuche. Em alguns casos estes grupos se formam em decorrência do período em

que ingressaram no grupo, em outros por treinarem em grupos separados para uma competição em comum, caracterizando as afinidades e compartilhamento de emoções presentes nas comunidades pós-modernas (COVA, 1997). A parte desses microgrupos sociais, tanto a análise das entrevistas, quanto a observação participante, mostraram a existência de dois subgrupos maiores. O primeiro subgrupo é composto por pessoas que estão no grupo pelo prazer de pedalar a lazer. Já o outro é formado por aqueles que buscam não apenas fazer uma atividade que gostam, mas competir e medir forças com companheiros de treino. De acordo com a situação de momento – objetivo e vida pessoal – há integrantes que oscilam entre um grupo e outro.